



DESIGN
ARTS

crônicas com um "toque" de arte

Adilson Luiz Gonçalves

Adilson Luiz Gonçalves

DES7'ARTE

crônicas com um "toque" de arte

Versão Digital – 2009

Copyright© 2009 por Adilson Luiz Gonçalves
Todos os direitos reservados.

projeto gráfico digital

Adilson Luiz Gonçalves

capa

Cecília Helena de Almeida Gonçalves

diagramação digital

Adilson Luiz Gonçalves

Todos os direitos reservados por

Adilson Luiz Gonçalves

Tel.: (13) 97723538

www.algbr.hpg.com.br

E-mail: prof_adilson_luiz@yahoo.com.br

Distribuição Gratuita, via Internet, autorizada pelo autor.



Adilson Luiz Gonçalves

Escritor, Mestre em Educação, Engenheiro Civil, Professor universitário de cursos da área de Engenharia e Saúde, na UNISANTOS – Universidade Católica de Santos, e de Arquitetura e Urbanismo, na UNISANTA – Universidade Santa Cecília. Tem especializações no Brasil e na França. Atua, ainda, na área portuária, como Conferente de Carga e Descarga, em Santos-SP.

Iniciou suas atividades literárias em 2001, quando passou a colaborar regularmente com o Jornal “A Tribuna”, de Santos - SP. Também participou de concursos literários nacionais e internacionais, com crônicas e poesias premiadas, inclusive pela ABL.

Atualmente, é colaborador de vários jornais e revistas do país, impressos e virtuais, além de sítios da Internet¹, para os quais produz artigos e crônicas² sobre diversos temas.

Outra de suas atividades é a composição musical³, além da apresentação de palestras sobre temas de suas áreas de atuação.

Também é membro do Rotary Club Santos-Porto.

¹ Para conhecer as mídias que já publicaram textos do autor, basta acessar: http://www.algbr.hpg.com.br/quem_ja_publicou.htm

² Os textos encontram-se publicados na página do autor, na Internet: www.algbr.hpg.com.br/artigos.htm

³ Composições disponíveis no YouTube: <http://br.youtube.com/adilson59>

*A todos aqueles que fazem arte e
cuja inspiração também inspira.*

APRESENTAÇÃO

(edição digital)

A arte talvez seja a maior expressão da racionalidade humana.

Não existe arte sem abstração, sem imaginação, sem a capacidade de pensar, de antever resultados e, sem nenhum pudor, ousar, transgredir.

A expressão: “A vida imita a arte”, talvez não seja a síntese ideal, pois vida vivida e arte imaginada têm interfaces no cotidiano: uma influencia e transforma a outra. A arte pode ser fuga do caos ou mergulho profundo nele.

Cineastas, escritores, atores e outros tipos de artistas foram usados ou usaram de sua arte para penetrar no imaginário do povo e estabelecer prisões e alforrias mentais.

A importância das artes era tão significativa que Hitler, Stalin, Truman (que permitiu o “macartismo”), Franco e tantos outros, usaram a arte como instrumento de dominação ou objeto de violenta perseguição. Afinal, uma “simples” música tinha o poder de mobilizar multidões; um filme épico era mais acessível do que um livro, ainda mais onde o analfabetismo imperava.

Um filme, um livro, uma obra musical, uma peça de teatro, um quadro e outras manifestações de arte já mudaram ou deram sentido a vidas errantes ou escravizadas por preconceitos e tradições sectárias.

A arte questiona e polemiza onde o silêncio resignado, o fanatismo cultivado e a alienação maliciosa querem reinar.

Seu poder é tão grande e revolucionário que Platão chegou a questionar seu valor numa sociedade organizada; mas é tão naturalmente humano que Rousseau recomendou o exercício da arte a povos guerreiros, como forma de evolução humana e social.

A arte acalma espíritos, faz pensar, emociona...

A vida imita a arte. A arte imita a vida. Viver é uma arte! Arte é vida! Quem viveu sem arte passou pela vida como um morto-vivo, gado!

Filho de projetorista de cinema, criado ao som do canto de minha mãe e das imagens da TV, pelas quais fui apresentado a grandes autores e atores, eu não poderia negar a influência das artes no que escrevo, apesar de reconhecer as limitações de minha própria arte: ainda sou aprendiz.

Este livro reúne alguns textos produzidos sob essa influência.

Espero que gostem de algum.

Adilson

ÍNDICE

Paixões barrocas	8
Curtindo a noite	11
É doce morrer no mar..	13
Bibi Ferreira	15
Máscaras e fantasias	17
<i>Nessum dorma</i>	19
SOS música	20
A ponte do Rio Kwai	22
Não ver o tempo passar	24
A era do rádio	26
Ela me faz tão bem	28
Folhas mortas	30
Um rei do carnaval	32
Se eu fosse você	34
Olhai os lírios do campo	37
O sonho acabou?	39
Gente do céu	41
<i>The long and widding road</i>	43
Livro: um grande presente	45
Fernanda!	48
Os deuses estão mortos	50
Demônios ou anjos?	53
Yara e Juca	55
Que fim levou o amor?	57
Galos, noites e quintais	59
Ô Crides!	61
O “velho” Chico	64
Sr. Brasil	65
Pedro pedreiro	67
O circo do Arrelia	69
O ovo da serpente	71
Sensacionalismo barato	73
Amor além da vida	75
Silêncio agradecido	77
Primeiros acordes	79
Luzes! Câmera! Há sangue!	82
Tropa de elite	88
Direção patética	90
Midas e Mecenas	92
Elis: nosso ídolos ainda são os mesmos	94
Esperança de óculos	96
Filme de terror?	98
A família Trapo	100
Moinhos de vento	102
Amor em paz	104
A vida imita a arte	106

PAIXÕES BARROCAS

(Ago./2008)

Já era madrugada quando, antes de dormir, resolvi dar um último "zap" nos canais da TV...

De repente, fui surpreendido pelo documentário "A Paixão Segundo João Carlos Martins" (*Die Martins-Passion*, 2004, França-Alemanha).

Eu já tinha ouvido falar do filme e conhecia parte da história deste pianista genial; tive inclusive a oportunidade de apertar seu antebraço quando o conheci (ele nunca apertava mãos, por motivos mais do que óbvios).

Para quem não conhece sua trajetória, aqui vai um brevíssimo relato:

No início da década de 1960 ele foi considerado um dos dois maiores intérpretes vivos de Bach. Tocava com algumas das melhores orquestras do mundo, em apresentações concorridíssimas e sempre ovacionadas. Alguns críticos o consideravam um possesso diante do teclado!

Em 1966 ocorreu sua primeira tragédia pessoal:

Ao disputar uma "pelada" no Central Park, feriu gravemente sua mão direita, com uma pedra pontiaguda...

Perfeccionista, ele resolveu abandonar sua carreira de solista, transtornado. Tornou-se homem de negócios, bem-sucedido, mas fora de "compasso".

Tempos depois, encheu-se de motivação e voltou ao circuito internacional com renovado sucesso! Mas seu virtuosismo era tão exigente que não conseguia afastar-se dos teclados, salvo para jogar futebol (usava luvas de boxe para proteger as mãos) e gerar filhos. Por conta disso, depois de alguns anos, já não era a lesão da mão direita que lhe exigia superação: Martins passou a sofrer de LER, o que lhe tolhia os movimentos dos dedos, além causava fortes dores. Alguns dedos apresentaram, inclusive, atrofia, e Martins fez nova pausa em sua carreira de solista. Foi quando cometeu seu maior desatino: assumiu uma empreiteira de mão-de-obra e acabou fazendo "Caixa 2" para campanhas eleitorais. Disse que todos que ele conhecia o faziam (nada de novo ao Sul do Equador...), mas como o candidato que ele apoiava perdeu, ele foi o único "punido"! Ele não negou seus atos, mas

sentiu-se magoado pela forma com que foi devassado. Achava que merecia alguma consideração por tudo o que havia feito por nosso país, através da música! Em razão disso ele mudou-se para Miami, onde tomou conhecimento de um tratamento inovador, em Nova York, com o qual poderia reeducar seu cérebro, para que novos neurônios permitissem novamente o controle hábil das mãos. Ele o fez e, mais uma vez, voltou a brilhar, cheio de inspiração!

Resolveu, então, coroar seu arrebatamento (já antevendo novos problemas) concluindo a gravação da obra completa de seu grande mestre: Bach! E o fez na Bulgária, o mesmo país que presenciou mais uma etapa de seu calvário: durante um assalto Martins foi golpeado na cabeça, com uma barra de ferro...

Desta vez, as seqüelas foram piores: todo o seu lado direito foi afetado! Mesmo assim ele insistiu com uma única mão, interpretando obras como o "Concerto para a mão esquerda", que Ravel compôs para um pianista que perdera o braço direito durante a I Guerra Mundial.

Iniciou mais uma reeducação neurológica que, desta vez, demandava todo o braço: primeiro o ombro, depois o cotovelo e, por último, a mão. Ele exigiu somente a mão... E tão logo conseguiu controlá-la, lá foi ele para o Carnegie Hall! Mas os ensaios intensos, em condições físicas adversas, logo levaram ao diagnóstico fatal: ele teria que abandonar sua carreira de solista!

Ele mesmo reconhece que toda vez que se afastou da música só "desafinou"... A regência passou a ser, então, seu bálsamo: em vez do teclado, uma batuta! Mas, ao vê-lo com as mãos atrofiadas a demonstrar sua técnica de interpretação a alunos de Nova York, ficou claro que ele mais do que ensinar queria se apossar daqueles corpos jovens e virtuosos, na ânsia de usar suas mãos perfeitas para exercitar sua arte. Ficou inequívoco que ele não desistiria (sua cena ao piano, ao lado do octogenário Dave Brubeck, é, simplesmente, mágica!).

Martins faz tratamento com injeções de toxina botulínica, para tentar recuperar a musculatura atrofiada. As dores parecem ser insuportáveis, mas ele as aceita com a resignação da esperança e de um amor tão intenso e infundo pela música, que consegue extrair acordes fantásticos do piano mesmo com os poucos dedos ativos e os atrofiados amarrados!

Ouvir o que brota de suas mãos faz lembrar a obra de outro gênio: Aleijadinho, outro brasileiro que transformou sua dor em magnífica e divina

arte barroca, como magnífica, divina e barroca é a música de Bach, que Martins re-esculpe em sua vida.

É certo que não há sobre a face da terra nenhum ser humano perfeito, mas é de se admirar aqueles que buscam a perfeição diante da adversidade, qualquer que seja ela. Para nós, como observadores da vida, é preciso reconhecer e repudiar defeitos seculares; mas, como amantes dessa mesma vida, e do que ela tem de mais belo, é indispensável aprender a separar os defeitos das virtudes, que encontram na obstinação e paixão pela música de João Carlos Martins, alguns de seus contornos mais divinamente humanos!

Que nossos ouvidos, diariamente tão maltratados, ainda possam ser abençoados com o fruto natural de sua possessão divina no marfim e no ébano das teclas dos pianos do mundo, cuja sonoridade eu tentei exaltar, agradecido, com as teclas que eu, com minha pouca arte de escrita, aprendi a usar!

CURTINDO A NOITE

(Ago./2008)

Tempos de lei seca geram mudanças de hábito.

Creio que o efeito mais positivo dela é o preventivo, no aspecto psicológico. Já no âmbito prático, ainda acho que “fazer o quatro” e andar em linha reta são mais objetivos para indicar o grau de reflexo de um indivíduo do que o “bafômetro”; mas o medo da multa fez com que muitos aprendessem a conciliar divertimento com responsabilidade. Isso sem falar que, por mais que o álcool “descontraia”, não creio que ninguém “curta” uma ressaca. E ninguém aguenta um bêbado “mala”, por mais amigo que seja.

Assim, grupos e casais fazem rodízio para dirigir; alguns bares e restaurantes, para não perderem clientes e faturamento, oferecem transporte!

Com todas as restrições que possam ser feitas à medida, a redução dos acidentes foi significativa.

Lecionar em cursos da área da Saúde permitiu-me conhecer o resultado de desastres automobilísticos e confirmar a veracidade daquele antigo ditado: “Deus protege os bêbados”, pois as vítimas mais graves são sempre os outros, infelizmente.

Outra solução encontrada para quem gosta de uma “cervejinha”, vinho ou afins, é frequentar barzinhos e restaurantes do bairro.

Recentemente abriu um a poucos metros de onde moro. Resolvemos ir até lá e, ao chegarmos, além do ambiente agradável, vimos que tinha música ambiente, num tom que permitia que conversássemos em voz baixa. Era praticamente um fundo musical.

Djavan, João Bosco, Emílio Santiago e até Jackson do Pandeiro, entre outros, faziam parte do repertório do músico, o qual, de tempos em tempos, olhava para todas as mesas. Mas todos pareciam entretidos com seus assuntos.

Violão bem tocado, voz bem afinada, sem exageros, uma garrafa de água mineral à mão, ele demonstrava gostar do que fazia, mesmo que ninguém notasse.

Mudamos de lugar, porque o casal da mesa em frente começou a fumar sem se importar com a direção da fumaça...

Sorte nossa: pudemos sentir o aroma da comida e apreciar melhor aquele pequeno show!

O chope estava geladinho; a conversa, boa; a companhia, ótima: minha mulher e meu filho.

Ao sair do restaurante, bati palmas silenciosas para o músico, agradecendo sua dedicação e qualidade. Ele, sem perder o ritmo ou o tom, retribuiu com um largo sorriso,

Depois, bastou uma curta caminhada para voltarmos para casa. O maior risco do percurso era tropeçar num buraco na calçada ou pisar no produto da falta de educação de certos donos de cachorros.

Diversão assim, sem exageros, permite que a gente aproveite melhor as boas coisas da noite...

O melhor seria que não fossem necessárias leis e multas, mas, na falta de responsabilidade individual, as generalizações são necessárias.

É DOCE MORRER NO MAR!

(Ago./2008)

Mas o mar não é salgado?

A poesia de Dorival Caymmi nos ensinou que não!

O sal do mar só servia para temperar os quitutes da baiana, em suas tantas e inesquecíveis canções.

Suas letras brejeiras também tinham a boa pimentinha da sensualidade brasileira. Era só procurar no tabuleiro da baiana que a gente achava tudo de bom: do acarajé aos quindins de láiá, meu doce preferido: amarelo como o Sol, doce como o desejo, suave e molhado ao toque, como os lábios da mulher amada!

Ele despertou a curiosidade do mundo ao perguntar: "O que é que a baiana tem?", para, logo depois, ensinar que toda a mulher brasileira, baiana ou não, traz em si os quatro elementos: o ar sensual; o fogo da paixão; a terra, que sustenta; e a água, que sacia. Fez até uma portuguesa virar baiana: Carmem Miranda!

Além da vida simples do pescador, Caymmi também cantou, com sua voz poderosa, a dura vida da escravidão, que ainda existe: "Vida de negro é difícil, é difícil como o quê".

A jangada virou embarcação de sonhos, que emociona todos que fazem primeira viagem.

"Minha jangada vai sair pro mar", expressa o desafio de cada dia; "Vou trabalhar", a consciência da lida; "meu bem querer", o amor que nos dá rumo; "Se Deus quiser, quando eu voltar do mar", a esperança; "um peixe bom, eu vou trazer", a busca por dias melhores; "Os meus amigos também vão voltar", o valor da amizade; "e a Deus do céu vamos agradecer", o reconhecimento de que cada átimo da vida é uma benção divina.

Suas letras, simples como a alma do povo brasileiro, sintetizam a grandiosidade e beleza de nossa estirpe, que funde tantas raças e origens, e confunde "puristas" e "puritanos".

A religiosidade calma, sem exageros, também está presente na obra do mais baiano de todos os compositores. Ecumênico, ele também pediu a benção à Mãe Meninha do Gantois e jogou flores para Iemanjá. Também

plantou as sementes que nos deram Nana, Dori e Danilo, que, como ele, guardam em si "tantas canções". Filhos cujo amor nos deu "Acalanto", que emociona até corações de pedra.

Pois é... As canções de Caymmi são como o mar, que transforma pedras em areia, que escorre entre os dedos como a água do mar, como o "vento que balança as palhas do coqueiro". O mar, que "quando toca na areia, é bonito!". O mar que tanto o encantou, que sua musa foi Marina, que sua mulher era Stella Maris. Mar que nos derradeiros momentos ele quis voltar a ver, talvez para dizer adeus... Quem sabe para confirmar se era doce morrer no mar.

Caymmi disse, certa vez, que não tinha onde morar... Doce engano! Ele já morava nos corações dos brasileiros, onde também mora a Bahia, berço do Brasil; terra de São Salvador; Porto Seguro onde a gente se encontra para dar valor à vida e vivê-la com calma, deixando o tempo passar, no tempo da brisa do mar. Ele também morava mundo!

Agora ele mora no céu, de onde pode ver todos os mares do mundo, deitado na rede que já o esperava.

Caymmi contou e cantou 365 igrejas, na Bahia: uma para cada dia do ano. Ironia do tempo, ele o levou num ano bissexto...

Desculpe, tempo, "mas eu tô de mal! De mal com você! De mal com você!".

Mas é por pouco tempo...

BIBI FERREIRA

(Jul./2008)

Quando Bibi Ferreira surgia nos palcos da TV dos anos de 1960 era como se todo o cenário fosse pano de fundo, como se todos os demais artistas fossem coadjuvantes.

Qualquer texto, mesmo o mais simplório, adquiria ares solenes com sua voz vibrante e seu gestual elaborado. Sua Piaf é inigualável!

Era natural que tanta erudição transitasse do palco para a coxia, da atuação para a direção. E ela demonstrou também aí sua excelência. Mas, grande pecado o meu: eu nunca a vira atuar no teatro! Pecado, não: falta de oportunidades, que o passar dos anos tornou ainda mais esporádicas.

Aí, pelas mãos de Juca de Oliveira, ela voltou à ribalta para viver a esposa de um político corrupto, na comédia: "Às favas com os escrúpulos". E lá fui eu me redimir.

Quando Bibi surgiu, o silêncio só foi quebrado pela tradicional tosse "made in" tabaco, do tipo que fazia o "maestro" Pernalonga exibir a placa "Joguem o barulho fora!".

Isso não a incomodava, mas havia um problema: sua voz era baixa. Era preciso estar extremamente atento para ouvir suas falas.

De repente, alguns dos assistentes começaram a reclamar: "Som!". A equipe técnica parecia não reagir ao alerta e o alarido foi aumentando, até que uma voz foi ouvida mais forte: "Eu paguei para assistir e não estou ouvindo nada!".

Alguém poderia tentar contornar a situação reclamando diretamente à equipe técnica, mas haviam optado por manifestações que, embora justas, eram um pouco deselegantes para com aquela estrela, do alto de seus 86 anos. Qual seria a reação dela?

Bem, ela saiu algo consternada do palco, para voltar pouco depois, com a mão sobre os olhos, como se refletisse bastante sobre o que iria fazer. Perguntou à platéia o que estava havendo.

"Não estamos ouvindo nada!", responderam.

Ela recuou até a escrivaninha que havia no cenário... Minha mulher a ouviu murmurar: "É meu dever falar mais alto!", após o que ela voltou a sair de cena.

A peça foi retomada e, como se absolutamente nada houvesse acontecido, Bibi retornou e deu um show de interpretação, bem como todos os demais atores. Ela emocionou, discursou, sofreu, riu, falou palavrões, desfilou seu talento com todas as nuances cômicas e dramáticas que o papel demandava. Expiei meu pecado de nunca tê-la visto em cena em altíssimo estilo!

Aí a peça acabou e ela, aplaudida de pé, pediu a palavra... Mais uma vez fiquei preocupado: qual seria a sua reação?

Pois é... Bibi pediu desculpas pelo que havia ocorrido no início da peça. Explicou que os ensaios haviam sido feitos com o teatro vazio e que isso prejudicava a modulação da voz.

Que belo exemplo de arte, cênica e de viver, que ela nos deu!

À platéia, já encantada, só restou render-se incondicionalmente a essa grande dama do teatro brasileiro que, ao contrário dos políticos retratados na peça, sempre está disposta a nos dar muito mais do que esperamos.

MÁSCARAS E FANTASIAS

(Jan./2008)

Já se foi o tempo em que os foliões aguardavam ansiosamente os lançamentos fonográficos (coisa antiga, não?) carnavalescos: marchinhas, frevos...

A regra do reinado de Momo era brincar, mas os compositores e intérpretes levavam a sério esse compromisso. As serestas, sambas-canções e dores-de-cotovelo eram deixados temporariamente de lado, para abrir alas e caminhos para o "non sense" e a crítica maliciosa, que nem ditaduras conseguiam reprimir.

Foram tantas músicas inesquecíveis, cantadas pelos ídolos do rádio; trilhas sonoras das chanchadas da Atlântida, que davam pano pro Manga (o Carlos) dirigir os melhores comediantes daqueles tempos e os romances entre as jovens promessas artísticas de então, muitos dos quais ainda hoje são estrelas.

O Carnaval tinha essa coisa de esquecer a tristeza, de se guardar pra quando ele chegar, como um dia cantou Chico. E ele foi cantado e decantado por muitos: Vinícius, Tom, Caetano, Blecaute, Emilinha, Marlene, Chiquinha, Braguinha...

As máscaras escondiam os rostos, mas também a timidez e o rigor de maneiras de tempos em que ainda não se podia amar livremente. Tempos em que um olhar trocado e um sorriso contido eram os sinais ansiosamente procurados em incontáveis "voltas no salão". Mesmo um beijo pudico era motivo de escândalo, entre os antigos; causa de muitos suspiros, entre amigas; e desculpa para contar "vantagem", em rodas de amigos. Tirar a máscara, então, era como desnudar-se!

A tristeza da Quarta-Feira era pela volta ao cotidiano, que reinstituía os preconceitos e diferenças sociais; pela quase certeza de que os amores que incendiaram os corações naqueles dias, agora não seriam nada além de cinzas: amores de Carnaval, temas para novas músicas de Dolores Duran e Antonio Maria.

Eram tempos românticos, tão ingênuos que, dizem, a mesma máscara confundia os "Dons Juans" mais distraídos ou pra lá de Bagdá, lança-

perfumados ou "altinhos". Mas tudo era uma grande brincadeira, cercada de conselhos e vigiada pelos olhos atentos de parentes: "Beijar engravida!"... Ao menos eles gostavam de acreditar nisso. Assim, os salões brilhavam à luz dos grandes candelabros e holofotes, mas também sobravam "velas" por toda parte...

Mas o brilho não era só nos salões, onde nem todas as pessoas eram sem graça, como Caetano "frevou":

Na rua, as estrelas eram praticamente as mesmas, mas pareciam brilhar mais, algumas mesmo durante o dia. "A Estrela D'Alva no céu desponta..."

É mesmo! Até a Estrela D'Alva tinha sobrenome: de Oliveira!

E foi na voz de Dalva de Oliveira - que já havia garantido seu lugar no céu de estrelas ao cantar "Ave Maria, no morro" – que ouvi e decorei, de coração, para nunca mais esquecer: "Máscara Negra", obra-prima de Zé Kéti e Pereira Mattos, em que o riso e a alegria dos "mais de mil palhaços no salão" contrastavam com a tristeza de Arlequim, numa das poucas vezes em que Pierrô "se deu bem" com Colombina.

Eu também tive a minha máscara negra, que era de tristeza; mas que um amor de Ano-Novo se propôs a tirar. Amor que, logo em seguida, virou amor de Carnaval para, hoje, querer ser amor pra toda a vida! Amor cheio de fantasias, mas sem máscaras. Amor que no céu, desponta; que deixa a mente tonta, mas não mente; que até versos me faz cantar. Amor que mesmo em meio a batalhas de confete sabe erguer uma bandeira branca.

É tempo de Carnaval! Que aqueles que buscam um amor sincero o encontrem! E que nunca haja uma Quarta-feira de Cinzas em seus corações!

NESSUM DORMA!

(Set./2007)

Ninguém durma!

Não, isso não precisa ser um imperativo principesco. O melhor seria dizer: Ninguém dorme.

Mas, porque permanecem acordados? Será por conta de algum ruído ensurdecedor, de um alarido intenso?

Não! Ninguém dorme porque uma voz se calou. Uma voz que foi ouvida em toda a parte, em qualquer espaço: dos mais sofisticados teatros líricos às areias das praias tropicais. Uma voz que vibrou e fez vibrar; encantou sem fronteiras, sem preconceitos. Uma voz que cantou o erudito e o popular com o mesmo brilho. Uma voz que brilhou em árias, em trios, em coros. Uma voz que extasiou reis e plebeus.

Pavarotti se calou e o seu silêncio foi ouvido nos quatro cantos do mundo!

Apesar do corre-corre desse mundo insano, que vive em desabalada carreira, Carreras, um sobrevivente, parou para dar um último adeus ao amigo. O plácido Domingo, com certeza, deve estar consternado.

Ninguém dorme, é verdade. Mas há um consolo: sua voz está mais viva do que nunca, nas mentes dos que aprenderam a admirá-lo como intérprete seguro, primoroso, eclético, poderoso e dedicado a sua arte.

Ninguém dorme, é verdade, mas a lembrança de suas interpretações, do som de sua voz, não nos deixará, jamais, insones.

"Dorma in pace", Pavarotti!

SOS MÚSICA!

(Jul./2007)

Bons tempos aqueles dos anos de 1960! Ao menos do ponto de vista musical.

Ouvia-se de tudo nas rádios AM: vários ritmos e idiomas. Época em que os cantores precisavam saber cantar ou, no mínimo, interpretar.

Instrumentista também tinha que saber tocar e quando era bom mesmo, o instrumento virava seu sobrenome: Jackson “do Pandeiro”, Edu “da Gaita”, Jacó “do Bandolim”.

O Rock “Progressivo” e o Rock “Sinfônico” também não eram para qualquer um, e quase todos os roqueiros tinham formação clássica, além de se aperfeiçoarem constantemente.

A coisa continuou boa nas décadas seguintes, apesar do “punk” e do “trash metal” (esse, pelo menos, se assume...). Até neles era possível encontrar alguma qualidade, se a gente procurasse bastante...

E hoje? Será que ainda há espaço para grandes intérpretes e instrumentistas? Será que há público para ouvi-los em meio à massificação de vozes esganiçadas ou que rosnam dando a impressão de que a qualquer momento soltarão algo mais do que grunhidos de suas bocas? Há espaço para eles em meio a “arranhadores de discos”, instrumentistas “bucais” e percussão eletrônica estéril: “tum, tum, tum, tum...”?

O curioso é que tem gente que gasta pequenas fortunas com aparelhagens de som de última geração, para difundirem pelas janelas de suas casas ou carros essas “pérolas” minimalistas, no pior sentido.

Tanta qualidade técnica e custo para escutar sons que ficariam iguaisinhos e, até, melhores se executados numa “vitrolinha” mono, com agulha quebrada, em discos de vinil gravados em 45 RPM, como nos anos de 1960. Tecnologia de ponta transformada em biodigestor/ventilador...

Talvez meus ouvidos tenham sido mal-acostumados, na infância... Talvez eu esteja ficando velho e ranzinza... Mas é triste ver que isso é um fenômeno mundial: música “de quinta” tocando todos os dias da semana, várias vezes ao dia, em todos os meios de comunicação, em todas as festas...

Música e “movimentos” importados, de péssima qualidade, que destroem a nossa cultura, sem oferecer nada de bom em troca!

Intérpretes agressivos ou inexpressivos, melodias sem brilho, versões desnecessárias ou regravações que detonam as originais; vozes distorcidas eletronicamente; shows que quase sempre terminam em tumulto...

Quem gosta diz para prestar atenção nas letras...

É... O “abc” está lá, bem maltratado, aliás, e não se percebe o menor esforço para melhorar.

É música de protesto? Bem, podiam pelo menos conhecer a música de protesto do passado, para ver se aprendem alguma coisa, em vez de copiar movimentos “made in USA”, cujo único objetivo é globalizar a degradação.

Antigamente, música boa a gente saía assoviando pela rua...

Alguém consegue fazer isso hoje?

Por tudo isso, Deus salve os que insistem em fazer e tocar boa música nesse universo de mediocridade mórbida que massacra nossos tímpanos diariamente!

A PONTE DO RIO KWAI

(Fev./2007)

No filme “A Ponte do Rio Kwai” (*The Bridge on the River Kwai*, Reino Unido/EUA, 1957) o fantástico ator Alec Guinness interpreta um comandante britânico num campo de prisioneiros japonês, na Ásia.

Empertigado e orgulhoso de sua ascendência, soldado do império onde o Sol nunca se punha, ele enfrenta o comandante do campo, outro exemplar do ufanismo nacionalista, só que do “Império do Sol Nascente”. O resultado é o embate de duas culturas diferentes em quase tudo, mas muito semelhantes na disciplina militar e na tradição arrogante.

O militar nipônico deve construir uma ponte ferroviária sobre o Rio Kwai, para garantir o suprimento das tropas de seu exército de ocupação. Os prisioneiros ingleses são os operários forçados dessa empreitada.

O senso de dever e tradições milenares, que vigoravam no Japão de então, não toleravam fracassos, cuja vergonha só era expiável pelo suicídio ritual, o haraquiri. Era isso o que esperava o comandante, caso não cumprisse sua incumbência! O problema era que, descontente com as condições de vida e trabalho dos prisioneiros, o comandante aliado exige de seu par japonês que sejam cumpridas as disposições específicas da Convenção de Genebra.

Para quê... Imediatamente ele foi confinado numa “solitária”: um cubículo onde não havia espaço para ficar de pé ou deitado! Só que os prisioneiros, fiéis à cadeia de comando, “embaçaram” a obra de todas as formas possíveis, até que seu cronograma ficou perigosamente comprometido.

O comandante nipônico, já sentindo o frio de seu sabre na barriga, viu-se forçado a tomar uma decisão culturalmente difícil, mas pragmática:

Numa das cenas memoráveis do filme, o personagem interpretado por Guinness é, então, solto da solitária. Trôpego, ele caminha e se posta com olhar altivo diante de seu psicologicamente alquebrado algoz. Este lhe propõe liberdade em troca do trabalho de seus homens. O inglês volta a exigir condições adequadas para os prisioneiros e, mais que isso, o controle da obra! Sem alternativas, o japonês aceita as condições.

Vitorioso, o prisioneiro marcha cambaleante, até desabar nos braços de seus soldados, que o carregam em triunfo. Continuavam subjugados, mas haviam conseguido uma vitória que elevou seu moral.

Até aí, nada de mal... O absurdo começa quando a obra é retomada:

O comandante britânico transforma o empreendimento num veículo para demonstrar a superioridade britânica sobre os orientais. Ignora os desdobramentos que ele trará para os aliados. Assim, a ponte torna-se um ícone da competência incoseqüente, da falta de visão global, da insanidade operosa, mas, também, um “ópio” para os traumas da guerra.

Essa irracionalidade prosseguiu em ritmo acelerado, que passou a preocupar os aliados. Tanto que um grupo foi designado para demolir a obra...

Os explosivos foram posicionados; o detonador armado... Mas, para total estupefação do grupo, o comandante inglês, ao saber de seu intento, em vez de apoiá-lo passou a lutar desesperadamente para evitá-lo! Demorou muito até que ele caísse em si e, consciente de todo o absurdo que protagonizara – a guerra é sempre fértil em “non senses” – ele mesmo detonasse as cargas, com o sacrifício da própria vida: um haraquiri ocidental!

Tudo isso foi para falar de um clássico de cinema? Não! Foi para refletir sobre pessoas que na “guerra” do cotidiano, por orgulho mesquinho ou para provarem “superioridades” raciais, religiosas, nacionais ou profissionais perdem a noção do todo; ignoram as conseqüências de seus atos; prejudicam pessoas inocentes e indefesas; passam por cima de tudo e de todos para cumprirem suas metas, sem sequer analisá-las.

“Soldados” de exércitos comandados por insanos ou oportunistas, fanáticos ou predadores de mercado, sua “competência” e sua “eficiência” destroem o meio ambiente, “quebram” empresas, semeiam medo, caos e morte.

Quantas “pontes” eles constroem para destruir seus semelhantes? Qual o limite desse servilismo, estupidez e alienação? É desse tipo de gente que o mercado precisa? É esse o tipo de formação que a sociedade quer? E, finalmente, onde estamos nós nesse contexto, enquanto pais, educadores e atores?

NÃO VER O TEMPO PASSAR

(Dez./2006)

"Je n'ai pas vu le temps passer" (Eu não vi o tempo passar), diz uma antiga canção de Charles Aznavour.

Normalmente, quando alguém pensa nisso é com a sensação de tempo não-vivido, mal vivido ou desperdiçado. Mas a noção de tempo é de extrema complexidade, relativa como Einstein teorizou: quando estamos felizes ele parece passar depressa, mas o sentimento é o mesmo quando estamos aflitos ou ansiosos. No entanto, ele beira à eternidade quando esperamos avidamente por dias melhores; ou volta a "passar" vertiginosamente quando saturamos nossas vidas com trabalho insano e atividades de toda espécie quais narcóticos a nos distrair da falta de sentido que damos à vida, ou que não encontramos nela.

Esse derradeiro modo de encarar o tempo destrói nossa sensibilidade, nossa humanidade. As pessoas viram objetos, números; os objetos tornam-se mais importantes do que elas, mas todos perdem valor a qualquer momento em nome de um "novo", que não necessariamente inova. O ritmo desenfreado e impulsivo faz com que o tempo que não se vive, ou que se vive mal, "flua" mais rápido, por inércia, sem brilho, sem detalhe, sem memória, sem paixão, sem sentido...

De repente a gente para, olha em torno, olha para si, no espelho, e para dentro, na alma, e percebe que não viu o tempo passar, não porque se quis que ele passasse depressa, mas porque esteve alheio a ele, ou a espera passiva por dias melhores. Esses podem ter sido tempos cheios de sensações, mas sem sentimentos. Tempos que não nos dão a leveza da vida em plenitude, mas o peso do vazio existencial. Tempos que nos esvaem numa induzida vertigem materialista. Vertigem que começa com coisas, depois se estende a pessoas. Vertigem que substituirá amigos por interesses... Então, sem que se perceba, todos os prazeres terão sido experimentados, sem limites - às vezes exacerbados artificialmente -, mas sem nenhum vestígio de amor sincero. Os sons da natureza serão inaudíveis; as pessoas amadas serão intocáveis; os aromas e gostos serão modas... No limite, o dia presente tornar-se-á uma vaga esperança do dia futuro, que

nunca virá porque não é construído; porque quando chegar será mais um dia presente, que se quer passado...

Quem vive assim, quando pressente o "risco" do comprometimento o repele, com medo de perder a liberdade de provar de tudo o que o convenceram que vida oferece de "melhor". Mal sabem que assim podem estar desperdiçando o que a vida tem realmente de bom, por medo de ousar e sofrer.

Quem aceita viver assim se transforma em mais uma engrenagem da máquina de moer vidas do mercado, ou uma peça do relógio do tempo perdido, que o atrasar dos ponteiros nunca conseguirá resgatar.

Deus nos deu nervos para sentir e não é "cortando-os" que estaremos livres das dores e aflições do mundo. No mais, se isto nos poupa da dor, também nos priva dos sentidos, e tudo isso faz com que não vejamos o tempo passar ou, pior, que desejemos que ele passe depressa. Alguns até decidem interrompê-lo...

O tempo não merece isso!

É preciso dar graças à vida e tornar cada dia único, memorável! Material, sim, mas principalmente humano e espiritual, para que toda vez que pensarmos na vida, tenhamos a certeza de que ela está sendo bem vista, com todos e em todos os sentidos.

Então: "Carpe diem", colegas!

A ERA DO RÁDIO

(Jun./2006)

Em 1987, Woody Allen nos brindou com o filme "A Era do Rádio" (*Radio Days*, EUA), ambientado em Nova York, na década de 1940.

Numa das cenas mais agradáveis, o rádio toca uma música de Carmem Miranda e a filha do casal a imita, na dança, enquanto a dubla. O pai e outros parentes aparecem na porta e, sorrindo, passam a observá-la. Subitamente, quando entra o coro do "Bando da Lua", eles passam a dublá-lo, também.

Aquele era um tempo em que o cinema tinha hora e lugar, mas, o rádio era onipresente, preenchendo cada espaço do dia com sua programação.

Sua influência e credibilidade eram tão grandes, e davam tanta margem à imaginação dos ouvintes, que Orson Welles, sem querer, criou um dos maiores pânicos da história da mídia, quando seu "Teatro Mercúrio" apresentou "A Guerra dos Mundos", de H. G. Wells, em 1938.

Gosto ver filmes antigos e eles são pródigos em imagens de pessoas em torno de rádios, ouvindo: música, novelas, programas de auditório, noticiários... Devia ser incrível ouvir shows ao vivo, com astros como: Frank Sinatra, Ella Fitzgerald, Benny Goodman, Harry James, Duke Ellington e tantos outros monstros sagrados... Devia ser perturbador ouvir os pronunciamentos de Hitler... Devia ser um misto de amor e ódio ouvir a "Rosa de Tóquio"...

E foi assim, desde que a invenção de Marconi (ou seria do brasileiro Pe. Landell de Moura?) ganhou os ares; desde que a "Era do Rádio" teve início, nos EUA; e, no Brasil, desde que Roquete Pinto fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro: o rádio tornou-se um companheiro de todas as horas!

Nossos avós e pais conheceram os grandes momentos da Rádio Nacional, do Rio e de São Paulo: tremeram com a declaração de guerra ao "Eixo"; comemoraram o término do conflito; torceram pelo "Rei" e "Rainha do Rádio"; choraram em 1950; festejaram 1958; abriram o berreiro com as radionovelas mexicanas.

Eu mesmo cresci ouvindo rádio, nos anos de 1960, quando as emissoras tocavam músicas em vários idiomas: inglês, francês, italiano e espanhol. Ouvia: Aznavour, Brel, Bécaud, Morandi, Capri, Pavone, Beatles, Rolling Stones, Lopez, Montez... Isso ajudou muito no aprendizado de idiomas!

Já adolescente, ganhei um rádio portátil, de minha avó materna, e conquistei minha autonomia midiática! As transmissões de jogos eram sagradas, mas, o jornalismo não ficava atrás: eu começava às 22:00 com o "Jornal de 30 minutos", da Rádio Eldorado, de São Paulo, e terminava às 00:45, com o jornal da Rádio Jornal do Brasil, do Rio. Eu era o adolescente mais bem informado da escola, ou seja, uma aberração...

Na França, onde fiz uma pós-graduação, o rádio era meu elo com o Brasil, pelas ondas curtas.

Hoje, é possível fazer tudo isso com TV a cabo e Internet, mas, mesmo assim, o rádio permanece com meio de comunicação ágil, com ênfase em jornalismo e prestação de serviços, com abordagens tão minuciosas que são quase como imagens. As transmissões digitais, aliás, colocarão esse meio de comunicação num novo patamar.

É certo que algumas emissoras, com suas programações repetitivas, alienantes e de qualidade duvidosa, fazem jus à ironia de um antigo programa humorístico de rádio, em que o apresentador de uma hipotética e patética emissora de "TV" anunciava: "... A única emissora de televisão em áudio! O som fica por nossa conta e a imagem fica por conta de sua imaginação inteligente e fertilizante...". Mas, também não faltam aqueles que são capazes de entreter, informar e ser úteis de múltiplas outras maneiras, 24 horas por dia.

Assim, o rádio permanece com sua mágica, como se bebesse todos os dias água da fonte da juventude, pois, nem ele nem os que falam por ele envelhecem aos "olhos" do ouvinte!

Por tudo isso, a era do rádio não terminou e nem vai terminar. Só vai mudar de "faixa" sempre que for preciso, para não perder a sintonia com a história!

ELA ME FAZ TÃO BEM!

(Mai./2006)

Existem alguns cantores que fazem mais do que compor e cantar músicas: eles contam histórias!

Alguns o fazem de forma tão natural e sincera que lembram nossa própria história. É como se eles cantassem momentos que nós também vivemos e situações com as quais nos identificamos. Nessas horas eles são mais do que cantores: são intérpretes de nossos sentimentos; são amigos que estão presentes em várias etapas de nossa vida.

É o caso de Lulu Santos, de quem sou fã incontestemente e autor de razoáveis performances vocais, nos "videokês" da vida.

Eu havia acabado de entrar na faculdade, quando ele avisou: "Nada do que foi será, de novo, do jeito que já foi um dia...". E não foi mesmo, precisei largar o bom emprego que eu tinha, apesar de adolescente, para investir, em tempo integral, no sonho de ser engenheiro.

Foi dureza: noites de insônia, trabalhos, provas, falta crônica de "grana", nenhuma diversão... Foram cinco anos de notas altas, mas baixa autoestima. Para piorar, eu era muito tímido e conservador. O Lulu já dava a dica: "Faltava abandonar a velha escola..."; mas, era difícil mudar a maneira de encarar a vida, de uma hora para a outra. Afinal, "nem sempre é *so easy* se viver".

Quando eu me formei, meu vistoso currículo acadêmico não valeu grande coisa, pois, o principal critério para contratação, naqueles tempos de recessão "braba" e ditadura, era o famoso "QI" (Quem indicou...). Passei alguns meses "gramando", mas me animava quando ouvia: "Eu vejo a vida melhor no futuro. Eu vejo isso por cima de um muro de hipocrisia, que insiste em nos rodear". E assim foi que, pouco tempo depois, eu fui selecionado num concurso de bolsas de estudo e parti para um ano de estudos no exterior, na França.

Lá, além de muito estudo, também tinha muita solidão... Assim que o curso terminou, eu liguei para minha família e avisei: "Eu tô voltando pra casa"!

Voltei e comecei a trabalhar... Mas, não me sentia feliz! Trabalhava muito e não tinha motivação para me divertir. A mente estava a mil, mas o coração estava vazio, vazio.

Foi quando eu conheci uma determinada moça “clara como a luz do sol, clareira luminosa nessa escuridão”. Eu já havia notado, “com a firmeza e os lampejos do farol”, que ali estava alguém muito mais que especial.

Imaginei: “Será magia, miragem, milagre? Será mistério”? Mas fiquei preocupado, pois “ela me encontrou... num estado emocional tão ruim... procurando não achar”. Mas “ela demonstrou tanto prazer de estar em minha companhia”, que logo fiquei “levitando de t...”, assim, “como uma onda no mar”.

Bastou pouco tempo para descobrirmos que “fomos feitos um pro outro”. Decidimos, então, juntos, nos permitir “viver o que há pra viver”, até porque “o tempo voa... escorre pelas mãos”.

Eu tento expressar tudo o que sinto por ela, mas, “tem certas coisas que eu não sei dizer”, até porque “tudo o que cala fala mais alto ao coração”.

Às vezes eu ainda fico chateado com certas coisas... Chega a dar vontade de mandar tudo às favas! Mas, quando eu olho para ela e para nosso filho, sinto um bálsamo na alma. Esse “amor me cura de uma loucura qualquer”.

Pois é... “Ela me faz tão bem, que eu também quero fazer isso por ela”!

Valeu, Lulu Santos! Que você nunca se canse de cantar os sentimentos da gente, em prosa e verso! E pode ter certeza de que você não é “o último romântico, dos litorais desse Oceano Atlântico”. Tem mais gente! E “se isso for algum defeito, por mim, tudo bem”...

FOLHAS MORTAS

(Mai./2006)

"Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza", já dizia Jorge Benjor. Mas, confesso que gosto mais do inverno que do verão.

É verdade que quando o frio é intenso não dá a menor vontade de sair da cama. Um simples e necessário banho se transforma num extremo exercício de masoquismo, sobretudo quando, por uma daquelas infelicidades do destino, falta energia ou "queima" a resistência do chuveiro, sem estoque de reposição... Obviamente, estou falando de males que só afetam os simples mortais, que usam chuveiro elétrico. Mas, pelo "andar da carruagem", os "gasosos" também devem ficar "espertos"... Nesse contexto: viva os "solares"!

É claro que uma noite quente e cheia de gente nas ruas é uma festa! Mas uma noite fria e estrelada, com as árvores balançando levemente ao sabor do vento, tem muitos e especiais encantos. Entre eles está a elegância das mulheres, que ficam mais belas quando se vestem e ainda mais sensuais quando se despem; o calor saboroso de um bom vinho tinto, sem excessos; o retorno festivo à infância das quermesses regadas a quentão, pinhão, correio elegante, quadrilhas e fogueiras. Só não gosto dos balões, pois a beleza das formas e a sensação de liberdade que iluminam não compensam o risco de seu pouso incerto e potencialmente destrutivo.

Ah, o inverno! Os abraços são mais longos e os beijos mais ardentes, se bem que o amor não escolhe tempo, hora, lugar ou paisagem: só precisa que "pinte um clima", que mesmo no frio aquece!

Inverno: época em que café ou chocolate quente ajudam a suportar uma noite fria de trabalho ou de vigília; que um cobertor ou edredom aquece o sono dos que amamos, o qual, em plena madrugada temos o cuidado de ajeitar com a preocupação do acalanto e como desculpa para um terno beijo no rosto ou na testa.

Mas, se o inverno pode inspirar romantismo, prazer e beleza, ele também torna a solidão, o abandono, a falta de um teto e a tristeza ainda mais dramáticos, doloridos e, até, fatais. É quando o espírito debilitado

tende a transformar o álcool num agasalho ilusório, que entorpece a alma, mas não poupa o corpo.

Por isso o inverno também deve ser tempo de um tipo diferente de calor: o da solidariedade! Tempo de doação e de boa ação que, aliás, deveria valer para todo o ano.

E o inverno está chegando... O outono o anuncia, com suas folhas mortas! Mas esse tempo, não é - nem precisa ser - um inverno de amores, como o da canção de Prévert e Kosma, na voz solitária de Montand. É um prenúncio de renovação: mais uma estação no percurso da humanidade pelo mundo, rumo ao futuro e ao encontro de si própria! É um tempo de aproximação e reaproximação, onde o calor humano é tão imprescindível quanto o dos aquecedores e cobertores. É um tempo em que a maior distância do astro-rei precisa ser compensada pelo calor do sol que existe em cada um de nós!

É um tempo de folhas mortas, mas de corações ainda mais vivos!

UM REI DO CARNAVAL

(Fev./2006)

O Carnaval sempre foi uma festa tipicamente de rua, eminentemente popular! As ruas de Nice, Veneza e Nova Orleães são testemunhas desse “reinado” que extingue, temporariamente, os protocolos sociais e com isso aproxima as pessoas. Foi no Brasil, no entanto, que Momo estabeleceu seu trono. Fosse em corsos, bandas, cordões ou qualquer outra manifestação, com ou sem máscaras, era nas ruas que ele encontrava sua maior expressão, em músicas e danças. Era comum ver janelas se abrirem para saudar foliões; e não era raro vê-las, logo em seguida, serem fechadas, para que os moradores também se juntassem à brincadeira. As fantasias iam da perfeição, que fazia sonhar, ao grotesco, que fazia rir. A festa de Momo, apesar de sua origem profana, era cheia de inocência e conagração... Arte popular sem compromisso, às vezes maliciosa, mas sempre contagiante.

O tempo se encarregou de desvirtuá-la, tirar-lhe a pureza nativa e brejeira... A violência urbana a tirou de muitas ruas. O turismo “para inglês ver” a confinou em sambódromos. Mesmo os bailes de salão deixaram de ser locais de encontro de famílias e flertes discretos e ingênuos, para se transformarem em palco de licenciosidade, sensualidade vulgar, enfim, num ringue de “vale-tudo”. Para piorar, as fantasias que eram queimadas na Quarta-Feira de Cinzas, hoje extrapolam esse tempo de folia. Hoje, as “tribos” incorporaram suas indumentárias grotescas ao cotidiano: trogloditas, andróginos, zumbis... O ridículo virou moda, tomou as ruas e se leva a sério...

Por que nosso Carnaval se perdeu?

Parece que só o Norte e o Nordeste mantiveram e, até, expandiram essa tradição de cantar e dançar nas ruas. As escolas de samba não fazem mais sambas memoráveis, só coisas híbridas, descartáveis ou recicladas. A espontaneidade deu lugar à frieza da linha de montagem! A inspiração deu lugar ao "merchandising"... Mas, mesmo nesse horizonte de desencanto, ainda era possível encontrar uma pérola:

Eu não ia aos bailes de salão, pois a grana era curta; mas curtia ir aos bailes de rua, com o encargo adicional de tutelar minhas irmãs, então, adolescentes. Lá, gostava de observar as pessoas:

Havia casais, grupos, mas também havia os solitários. Solitários, mas inexplicavelmente felizes!

Um deles foi especialmente marcante:

Desde a primeira vez que o vimos, ele chamou nossa atenção: usava calça branca todos os dias, mas alternava o colete e o chapéu “palheta”, ora prateados, ora dourados. Mestiço, seu rosto era redondo, tinha bigode e cavanhaque finos, jeito nordestino... Ele não cantava, apenas acompanhava o ritmo das músicas: marchinhas, frevos e sambas-enredo; e o fazia andando - como se estivesse numa “marcha atlética” -, a pairar por aquele imenso “salão” urbano. Às vezes surgia com uma latinha de cerveja; de tempos em tempos rodopiava qual um monge sufi. Não incomodava ninguém! Pelo contrário, sua expressão - olhos semicerrados e sorriso aberto - expressava a mais sincera nobreza, alegria e paz de espírito! Sua passagem contagiava as pessoas, que o saudavam e sorriam para ele. Ele era um legítimo “rei” do Carnaval! Um rei solitário... Um rei sem rainha (talvez ela estivesse longe e ele fechasse os olhos para vê-la)... Um Pierrô sem Colombina, mas com a alma transbordante de confete e serpentina!

Ele ficou como um símbolo derradeiro de um Carnaval que se perdeu no tempo, de canções que não se canta mais, de tradições que mereciam serem mantidas, mas que o “mercado” descartou... Mas isso não é o fim, pois já na década de 1960, Vinícius e Carlinhos Lyra lamentavam: “Acabou nosso Carnaval! Ninguém houve cantar canções...”, para, depois, exortarem: “E, no entanto, é preciso cantar! Mais que nunca é preciso cantar! É preciso cantar e alegrar a cidade!”.

Cantemos e dancemos, pois! Quem sabe a alegria volte às ruas e delas nunca mais se ausente. Quem sabe o reinado do povo: a democracia, finalmente, se consume em todos os dias do ano!

SE EU FOSSE VOCÊ

(Dez./2005)

O cinema brasileiro vive de altos e baixos, mais baixos do que altos.

Teve seu auge humorístico com as chanchadas da Atlântida e as comédias de Mazaroppi, e seu ápice dramático com as produções da Vera Cruz. Sempre mostrou, no entanto, muita irregularidade nos elencos, onde os coadjuvantes "engoliam" os protagonistas, quase sempre canastrões e sem "glamour" e "mocinhas" sem encanto. Tônia Carrero, Norma Blum e Eva Wilma eram deliciosas exceções.

Os anos de 1960 trouxeram o "Cinema Novo", com temas contemporâneos e nudez "artística", com perfume de "Nouvelle Vague". Mas a repetição de elencos, os roteiros "inovadores" e a presunção de alguns diretores transformaram a maioria dos filmes do movimento em não mais do que "marolinhas"...

Os anos de 1970 trouxeram as pornochanchadas, que nem a nudez de modelos famosas salvava. E tudo era financiado com dinheiro público! O cinema "sério" ficava mais no discurso do que na prática: filmes pretensiosos, mas com roteiros ruins, quase sempre focados em: pobreza, cangaço, caos social e marginalidade. Os diálogos eram fracos; as locações mambembes; os cenários, escuros e horrendos; luz e som eram deficientes; os atores, sempre os mesmos ou tão desconhecidos como fracos... Enfim, filmes sofríveis, mas divulgados como "cinema verdade", ou "cinema de arte"... Poucos se salvavam, tanto que poucos são lembrados, a não ser por seus autores e amigos.

Os tempos eram difíceis, política e financeiramente, é fato. Mas, será que isso era desculpa para fazer filmes ruins, execrados por crítica e público, com poucas e honrosas exceções? Se for, então o "Zé do Caixão" fazia milagres! Era, realmente, um gênio!

Em contrapartida, as novelas e séries televisivas eram muito boas, com qualidade técnica e performances cênicas interessantes e críveis! Os roteiros eram variados: adaptações de clássicos da literatura, temas urbanos ou regionais, história do Brasil... Paradoxalmente, os mesmos atores de televisão, quando iam fazer cinema, não exibiam a mesma desenvoltura.

Será que a linguagem de cinema era tão diferente quanto os diretores "consagrados" da época insistiam em afirmar?

Então, os anos de 1980 trouxeram alguns novos diretores... Alguns alcançaram sucesso relativo, com produções que começaram a mudar o "padrão" estabelecido por seus antecessores: menos pretensiosas e mais acessíveis e agradáveis ao público. Coincidência ou não, os atores de TV ficaram mais "soltos", a direção ficou mais leve, os cenários e temas se multiplicaram, o cotidiano perdeu aquele "jeitão" onipresente de Nelson Rodrigues, Jorge Amado e Glauber Rocha, com o devido respeito a cada um deles... Os filmes ganharam luz, e as pessoas voltaram vê-los, com curiosidade e prazer!

A renovação na direção cinematográfica continuou e os diretores consagrados de televisão também resolveram fazer filmes! Enquanto isso a maioria dos antigos mudou de ramo, em alguns casos para o bem de todos e felicidade geral da nação... Realmente, alguns provaram ser melhores no discurso. Mas, ainda assim, o cinema nacional continuou a viver entre altos e baixos, felizmente, mais altos do que baixos, com bons filmes, ditos, comerciais, para dar esperança e motivação aos realizadores para novos projetos. Sim, porque nem só de "filmes de arte" vive o cinema! É preciso fazer bons filmes comerciais, o que também não é nada fácil, nem demérito!

Fui assistir, desconfiado, "Se eu fosse você..."

Mais um filme brasileiro... Mais uma locação no Rio de Janeiro! Pensei: "Lá vem trilha de samba-enredo ou bossa-nova..." Eu gosto muito, mas, em excesso, cansa qualquer cristão! O tema já havia sido explorado em vários filmes estrangeiros: troca de sexos! Uai? Precisa de desculpa para mostrar nudez em filme nacional? O motivo também já fora utilizado: uma raríssima conjunção de planetas! "Mubmitar oletsac" *rides again*? Censura: 10 anos... Êpa! Será que trocaram com o filme do Renato Aragão?

Em suma, todos os ingredientes acenavam para um "déjà vu"...

Surpresa! O filme é bonito, dinâmico e cheio de participações especiais, pertinentes! Os atores jovens convencem! A direção de Daniel Filho é leve e divertida! O roteiro é bem encadeado! Os diálogos são hilários! Mas o maior destaque são as performances, química e fisicamente, impecáveis e impagáveis de Glória Pires e Tony Ramos! Ambos estão extremamente à vontade em seus papéis duplos!

Raramente ri tanto num filme, nacional ou não!

É comercial! O que pode desagradar alguns críticos... Mas é muito bom! O que vai agradar e divertir a maioria!

"Se eu fosse você..." Não deixaria de vê-lo!

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

(Dez./2005)

Meu irmão mais velho tinha o hábito de estudar lendo em voz alta. Dizia que essa técnica o ajudava a assimilar os textos. Isso servia para ele e, também, para mim, seis anos mais novo.

Certa noite, ele lia, no quarto, um livro indicado por um professor de literatura. Estávamos lá os três irmãos – nossas duas irmãs ainda estavam “em fase de projeto”. De repente, meus pensamentos, quase sonhos de criança, foram despertados por frases curiosas:

“- Calça rasgada!”

“- Calça rasgada. Confere!”

Ao ouvir aquele inventário, caí na gargalhada, seguido por meus irmãos, pois elas lembraram situações que normalmente fazem crianças rirem. Afinal, calça rasgada é uma das conseqüências do “cair de bunda”, por exemplo.

Aquele livro, desde então, passou a exercer certo fascínio em mim. Eu o observava na prateleira e, de vez em quando, o pegava escondido, pois diziam que eu ainda era muito jovem para lê-lo.

Sua capa era bem diferente: mostrava uma paisagem estilizada, em branco, vermelho e azul. Parecia uma pintura impressionista! Além disso, outras duas coisas chamavam minha atenção: o título: “Olhai os lírios do Campo”, belíssimo, inspirado no “Sermão da Montanha”, que eu ainda não conhecia; e o nome do autor: Érico Veríssimo.

Algun tempo passou, entremeadado por clássicos da literatura, antes que eu resolvesse lê-lo, já na pré-adolescência. Fiquei surpreso! Era minha primeira leitura que abordava um tema do dia a dia. Eu estava sendo apresentado a um romance contemporâneo!

Havia estudantes de medicina, dramas familiares, ambições materialistas... Tinha Porto Alegre e um grande arranha-céu em construção: o “Megatério”, metáfora da ascensão social a qualquer preço.

Acostumado com os finais felizes e pomposos dos clássicos, as escolhas do protagonista me incomodaram. O desenlace da trama me deixou

angustiado. Mas, o que mais me impressionava era saber que aquilo poderia ser real, verdadeiro, “veríssimo”!

Ao fim da leitura inculquei que jamais deixaria a ambição obscurecer sentimentos mais nobres, sobretudo quando se tratasse de amor! Creio que eu já era, desde jovem, um romântico incorrigível.

Depois, fui apresentado a dois personagens magníficos: Ana Terra e “um certo Capitão Rodrigo”, da Trilogia: “O Tempo e o Vento”, outro título magnífico! Junto com eles vieram imagens dos pampas, o frio cortante do Minuano, as estâncias, a Revolução Farroupilha, a saga dos gaúchos, o calor do “chima”, a beleza das “chinas”... Fiquei definitivamente fascinado por aquele Sul, que Érico Veríssimo soube tão bem retratar com letras.

Ele, ao lado de Lupicínio Rodrigues, Mário Quintana e tantos outros, são dignos e legítimos expoentes dessa estirpe meridional, que floresce como os lírios do campo e nos mostra que o Brasil é rico de múltiplas e surpreendentes maneiras. É um país que merece e precisa ser descoberto, cuidado, respeitado e amado todos os dias pelos que têm a benção de viver em seu solo, sejam natos ou não!

Dezembro é um mês de muitas luzes! Érico Veríssimo é uma delas, que nasceu e continua viva, atual e brilhante, apesar dos cem anos passados, mas nunca perdidos. Ele é como os bons vinhos das Serras Gaúchas: o tempo os aprimora, o vento dissemina seu “buquê” por todos os cantos do país e quem o “degusta” quer logo que encham a taça!

Érico nos deixou grandes obras, inclusive Luis Fernando.

É um autor que merece ser lembrado, festejado e, sempre e principalmente, lido!

O SONHO ACABOU?

(Dez./2005)

Nos final dos anos de 1970, o compositor Tavito sonhava, na canção "Rua Ramalhete": "Será que algum dia eles vêm aqui, cantar as canções que a gente quer ouvir?".

Falava da esperança que os fãs brasileiros ainda acalentavam de ver os "Beatles" reunidos, numa turnê pelo Brasil! Para o mundo já seria suficiente a volta da banda, desfeita em 1971, por desavenças internas.

Eu tinha onze anos quando Lennon proclamou: "O sonho acabou!"; mesmo assim foi um choque, pois eu havia crescido ao som de seus sucessos e assistido: "Os Reis do Iê-Iê-Iê", "Help" e o psicodélico e experimental "Submarino Amarelo". Sem saber, eu era "beatlemaníaco"! Além disso, eu fico extremamente chateado com separações entre pessoas que eu gosto, mesmo que elas nem saibam que eu existo. Só que isso é extremamente comum no mundo artístico! Acho que é por isso que eu admiro tanto os "Rolling Stones"...

Yoko Ono, ao que consta, foi o pivô da separação, o pomo da discórdia! Mas será que a culpa foi só dela?

Bem... É fato que Lennon empurrou-a pela goela abaixo de Paul, George e Ringo. Francamente, não fazia o menor sentido sua presença, imóvel e silenciosa, nos videocliques do grupo! E mesmo quando dançava, não acrescentava quase nada... E daí? George já havia perturbado a "ordem", com seu guru indiano. Paul poderia ter sido o primeiro a sair, quando quase morreu, por excesso de drogas! Em suma, as relações já estavam para lá de desgastadas. Para piorar, o rock progressivo ganhava força, com seus grandes solistas e performances cênicas: "The Who", "Led Zeppelin", "Focus", "Pink Floyd", "Yes", "Genesis", "Black Sabbath"...

Isso colocou os Beatles em cheque, apesar do experimentalismo e ousadia dos últimos discos. Para piorar, Lennon estava tão fascinado com Yoko, que "Get Back" não lhe dizia nada... Seria amor ou fuga? Não sei, mas Lennon encontrou inspiração para escrever "Imagine" e "Woman" com ela ao seu lado... Mas, também gritou "Mother!".

Eles também se separaram, em 1973. Pareceu que John ficou oco, sem Yoko... Coube a Elton John, que cantou sua "One Day at Time", se fazer de cupido para reuni-los, em 1975. Juntos, fizeram protestos na cama e

levantaram bandeiras político-humanitárias. Nesse âmbito, Lennon e Yoko souberam usar a mídia como poucos! Enquanto isso, os encontros musicais e cooperações entre ex-"Beatles" ocorreram, esporádicos, mas nunca com Paul e John. A dupla que compôs algumas das maiores obras-primas do rock parecia irreconciliável! E a vida prosseguiu, com a gente torcendo para que o tempo curasse as feridas. Diz o ditado: "Enquanto há vida, há esperança!"...

Só que, num frio dezembro, um indivíduo tirou a vida de John... Uma vítima da idolatria tirava a vida de um ídolo! Se de um lado é verdade que a fama pode subir à cabeça, o fanatismo pode deixá-la completamente vazia.

Foi ali que realmente o sonho realmente acabou!

Tempos depois, tentaram fazer o mesmo com George, que escapou por pouco.

Ironicamente, vários anos depois, a tecnologia permitiu a reunião dos Beatles para gravar "Free as a Bird", de Lennon, com a voz dele "mixada" ao instrumental e "backing vocal" de Paul, George e Ringo. Para aumentar a nostalgia, o videoclipe mostrava cenas de Liverpool, onde tudo começou.

A morte costuma transformar ídolos em lendas, sobretudo nos meios artísticos. Temos os exemplos de Hendrix, Morrison, Vicious e, mais recentemente, Cobain. Mas eles jogaram suas vidas fora! Lennon, no entanto, teve a sua "roubada", o que torna sua perda ainda mais lamentada.

Aquele sonho acabou, mas ninguém que tivesse mais o que fazer morreu por causa disso!

Continuo ouvindo os "Beatles", Paul, Lennon e George, mas acredito que gostar da obra de um artista não implica em considerá-lo perfeito, insofismável ou em imitar seu modo de vida até em seus aspectos mais negativos. É curioso, mas a admiração que sinto por um artista está na sua capacidade de extrair "perfeição" de sua imperfeição!

O ideal seria aprender a admirar a obra, sem venerar o artista! Mas, infelizmente, algumas pessoas se dão tão pouco valor, que se entregam a uma devoção também autodestrutiva.

Lennon faz muita falta! George também!

Talvez John ainda estivesse vivo se, em vez de sonharmos os sonhos dos outros, aprendêssemos a sonhar os nossos...

GENTE DO CÉU

(Dez./2005)

Alguém aí se lembra de Michael Landon?

Pelo nome talvez seja difícil recordar, mas ele ficou mundialmente conhecido por interpretar o personagem "Little Joe", na inesquecível série: "Bonanza".

Quando a série terminou, no início dos anos de 1970, ele deu uma sumida da telinha e pouco apareceu na telona, até que, em meados da mesma década, produziu e estrelou a série "Os Pioneiros".

Ambientada na segunda metade do século XIX, no interior dos EUA, ela mostrava a saga de uma família simples, formada por casal e três filhas, que deixara a cidade grande para construir uma nova vida numa fazenda.

Ao longo de várias temporadas vimos sua prole crescer, passando por todas as fases da infância e adolescência. A mais velha era tímida e contida, a do meio era a arteira e questionadora, enquanto a mais nova era de uma fragilidade e pureza notáveis. Landon, muitas vezes, funcionava como coadjuvante, deixando que os outros brilhassem... E como brilhavam!

O roteiro era de uma singeleza belíssima! As principais características da família eram: diálogo, franqueza e carinho, coisa muito rara nas séries atuais. As histórias eram simples, mas repletas de mensagens sutis. Histórias simples? Nem tanto... Temas complexos foram abordados: honestidade, mentira, racismo, violência contra mulheres e crianças, especulação, fanatismo, oportunismo político e religioso...

Havia muita sensibilidade e coragem nos roteiros e interpretações. Parecia que a produção tinha outras intenções, além das comerciais. Mas o tempo passou e alguns personagens foram saindo, em busca dos próprios projetos. A série foi se esgotando, até que, já nos anos de 1980, terminou.

Pouco tempo depois, Landon estreou e estrelou um novo seriado, aqui chamado de "O homem que veio do céu". Nele, ele era um anjo, cujas função era ajudar a resolver problemas dos humanos e preparar pessoas para a "passagem" para a vida eterna. Sua tarefa, no entanto, não era das mais fáceis, pois volta e meia precisava enfrentar o "coisa ruim", na disputa por almas.

Algo admirável na série era que seu personagem tinha uma postura ecumênica. Contracenava com personagens de todas as religiões, inclusive: padres, pastores, rabinos, etc., sem ser dogmático. Isso seria perfeitamente natural num anjo, mas difícil de encontrar num ser humano. Em alguns episódios chegou a questionar seu próprio papel angelical, em face do imponderável da vida e dos desígnios divinos!

Independentemente disso, sua interpretação era contida, talvez por suas limitações dramáticas, quem sabe por acreditar que a mensagem que passava era mais importante do que seu estrelato. Ele não era importante. Importante era o que ele fazia!

Contam que quando diagnosticaram sua doença grave, com pouco tempo de vida, Landon sorriu e disse que era preciso, então, aproveitá-lo bem, pois ainda havia muito a ser feito!

Michael Landon, a exemplo de Betinho, Madre Tereza, Irmã Dulce, Zilda Arns e muitos outros anônimos de várias religiões, e até mesmo os que se dizem ateus, mostram que é possível colocar Deus no dia-a-dia naturalmente, sem que isso seja um fardo ou um martírio. Acreditaram e acreditam que estar de bem com Deus é muito mais que ser rico e poderoso, como alguns falsos profetas querem fazer crer, em busca de lucro. Suas mensagens, sem alarde, egoísmo, neurose ou fanatismo são muito mais audíveis e eficazes do que qualquer louvor barulhento, farisaico ou alienante.

Eles não foram nem são perfeitos. Afinal, ninguém é perfeito, mesmo que repita isso mil vezes diante do espelho. Aliás, não existe a perfeição, só um eterno aperfeiçoar, um infinito lapidar!

Alguns foram bem sucedidos materialmente, o que não é pecado. Outros abraçaram suas vocações em prol do semelhante. Alegaram-se com o sucesso dos que ajudaram! Estes últimos dificilmente estarão nas primeiras páginas das grandes publicações financeiras; talvez nunca tenham suas biografias lidas por executivos. Dificilmente serão considerados exemplos a serem seguidos, pois, na lógica do mercado, qualquer investimento ou tem que gerar juros e dividendos, ou tem que ser dedutível do IR. Seus méritos, no entanto, não são avaliados nesta escala de valor mesquinha.

Cristo, certa vez, afirmou que o seu jugo é suave! Benditos, então, os que fazem de seu trabalho, qualquer que seja, um instrumento de paz e amor ao próximo e, assim, cultivam e disseminam essa leveza!

THE LONG AND WIDDING ROAD

(Dez./2005)

A longa e sinuosa estrada... Esse é o nome de uma canção dos Beatles, mas também poderia ser o título da biografia de muitos dos que lutam para conquistar seu espaço apenas com seus esforços e méritos. Infelizmente, a reserva de vagas por competência ainda não foi institucionalizada no país...

Fazer cursos, apresentar projetos, buscar aperfeiçoamento, aprender idiomas, mostrar interesse... Tudo isso é importante e imprescindível para ascender profissionalmente, mas, dependendo de quem avalia, não é suficiente. Em alguns casos é, até, perigoso!

A possibilidade de ascensão profissional é um dos principais fatores de motivação! Bem dosada, a ambição é o combustível dessa jornada; afinal, “quem fica parado é poste”! Mas, existem vários degraus a galgar e muitas portas a abrir. O problema é quando o chefe é “uma porta”, ou melhor, uma “muralha”!

Normalmente, os organogramas tendem a afunilar, conforme se aproximam dos cargos de mando. Esse estreitamento está normalmente associado a: melhoria salarial, benefícios, vantagens, poder, enfim, status! Só que para subir um “degrau” é preciso que quem esteja à frente: suba, vá para o lado, desça ou, na pior das hipóteses, seja jogado para fora da “escada”. E ficar parado também não garante segurança!

Em suma, dependendo do "modelo gerencial" adotado pela empresa, qualquer "colaborador" está sujeito a situações estressantes, inseguras e traumatizantes, com espaço para um pouquinho de “terrorismo” e assédios, aqui e ali.

Nessas condições, um funcionário competente, esforçado e dinâmico pode ter uma série de problemas: um chefe que se apropria de seu trabalho, omitindo o autor, ou sente-se ameaçado e solapa sua imagem; colegas que boicotam seus projetos, ou não ativam nem um único neurônio para idealizar, ou um músculo, para fazer, mas são os primeiros a criticar, quando se sentem “preteridos”. Além disso, o progresso profissional pode envolver outros tipos de “qualificações”:

Algumas já vêm de berço, como nome de família e apadrinhamentos; outras dependem de variáveis “extracurriculares”, tais como: amizade, atração física, corporativismo político ou religioso, etc. Formação acadêmica na mesma escola também é considerada relevante, embora não seja determinante. No entanto, os quesitos aparentemente preferidos pelos “chefes” são: lealdade, obediência, idolatria e, porque não, medo, que caracterizam os que, segundo sua ótica, “têm juízo”, ou seja, não questionam seu exercício primitivo, absoluto e egoísta de mando, e fascínio pelo poder. Querem que seus subordinados estejam “juntos” com eles, mas sempre atrás! Dependendo de seu nível de competência, também podem tratar seus subordinados na base do “chicote”, ou controlar seu desempenho de forma a nunca serem “ofuscados”. Poderão ter uma “Ferrari” nas mãos, mas só a abastecerão com combustível adulterado, por “precaução” e “instinto de sobrevivência”.

Com certeza, é mais fácil encontrar obstáculos do que trampolins, no caminho! Mesmo assim a chegada ao “topo” ainda é possível, mas ainda podem existir outros tipos de sinuosidades no caminho. Ela pode ser condicionada a renúncias e comprometimentos, que testem ou mexam com o caráter do indivíduo. Isso faz parte do jogo e quem não estiver disposto a abrir mão de seus princípios, terá que aprender a lidar com novos tipos de “portas fechadas” e “puxadas de tapete”; ou buscar outros caminhos para a realização de seu potencial. Mesmo assim não estará isento de voltar a encontrar esse tipo de barreira pela frente.

Mas não sejamos inocentes: má-fé existe em todos os níveis, dos superiores aos subalternos - passando pelos iguais -, movida pela inveja, pelo medo ou por mórbido prazer. Isso nos obriga a tentar conhecer a fundo o ambiente que nos rodeia, o que nos coloca num limiar de extrema complexidade, pois, se é preciso conhecer a estratégia do mal para aprender a evitá-lo, neutralizá-lo ou enfrentá-lo. Mas essa ciência também pode revelar-se extremamente sedutora... Um dia podemos deixar de sermos vítimas, para sermos algozes!

Pois é... Mudando de Beatles para Vinicius: “São demais os perigos dessa vida”! Por isso, concluindo com Roberto Carlos: “É preciso saber viver”! E isso cabe, de forma pessoal e intransferível, a cada um de nós; e depende fundamentalmente do uso que fazemos daquela divina faculdade do ser humano: o livre-arbítrio!

LIVRO: UM GRANDE PRESENTE

(Nov./2005)

Ganhei meu primeiro livro num Natal! Eu tinha seis anos, trezentos e sessenta e três dias... Até hoje, lembro do título: "Contos Maravilhosos", uma coletânea de fábulas repleta de dragões, fadas, feiticeiras, cavaleiros, reis e príncipes. Mas, além dos personagens exóticos, vilões traiçoeiros e cruéis, e guerreiros destemidos havia algo que igualmente me fascinava: certas palavras e expressões!

"Ricamente ajaezado", "canto mavioso", "potestades", "manto de urtigas silvestres", "bodas reais" e muitas outras expressões despertaram minha curiosidade e a utilidade de um tradutor que consulto até hoje: o dicionário.

No ano seguinte ganhei: "Histórias da Mata Virgem" e, de repente, passei a gostar de ganhar livros e devorá-los sem discriminação.

Por volta dos doze anos uma penitência transformou-se em benção:

Inocentemente, resolvi imitar meus colegas numa de suas "artes" preferidas: apertar campainhas e sair correndo. Burrinho, fui fazer isso no apartamento embaixo do meu... Pior: repeti a travessura algumas vezes, até que um dia, ao chegar em casa, meu pai, sem maiores delongas, disse que o vizinho o havia procurado... Gelei! Pensei na bronca, mas ela não veio. Em vez disso, meu pai disse que eu deveria pedir desculpas a ele que, aliás, havia insistido para que eu o procurasse... Congelei! Pior que a bronca era a vergonha!

Lá fui eu, sem nenhum preparo para enfrentar esse tipo de dragão: assumir as conseqüências de meus atos!

Toquei a campainha com vontade de sair correndo, não por brincadeira, mas por absoluto pavor! Mas o senso de responsabilidade já falava mais alto.

Quando a porta foi aberta, Dna. Neuza, a vizinha, atendeu como se já soubesse quem era. Mesmo assim ela perguntou. Quando expliquei, ela sorriu e chamou o marido, "Seo" Âmer...

Ele veio com uma expressão tranqüila e convidou-me a entrar. Os dois apresentaram suas filhas, Herta e Helga, pouco mais novas do que eu, e

começamos a conversar. Pedi desculpas pela estripulia infantil... Para minha surpresa, recebi como castigo um convite para voltar sempre que quisesse.

Os dois eram professores de escola pública e tinham uma bela biblioteca, pela qual me apaixonei imediatamente, principalmente pela Enciclopédia Disney. Foram várias visitas vespertinas, cujo principal divertimento era ler histórias para as filhas deles, com direito a lanche. Mais tarde, ele foi meu professor de inglês!

Meu pai, atento ao meu gosto, fez um pacto comigo: sempre que eu tirasse média superior a nove ele me daria um livro! O resultado foi: "O Príncipe e o Mendigo", "Um lanque na Corte do Rei Arthur", "A Volta ao Mundo em Oitenta Dias", "O Raio Verde" (dá para perceber que eu virei fã de Jules Verne), "Quo Vadis", "O Ladrão de Bagdá"...

Meu irmão mais velho começou a ter aulas de literatura... Então, fui apresentado à: "Olhai os Lírios do Campo" (Ah, Érico Veríssimo!), "A Moreninha", "Dom Casmurro" (Fantástico Machado de Assis!), "Memórias de um Sargento de Milícias"...

O tempo passou e nós mudamos para uma casa. Minha mãe logo fez amizade com a vizinha da frente, Dna. Marly, esposa de um médico. Ao saber de minha paixão por livros ela emprestou uma pilha deles, todos clássicos modernos: "Por quem os Sinos Dobram", "Beau Geste", "As Chaves do Reino", "Como era Verde meu Vale", "A Morada da Sexta Felicidade"... Eu já tinha visto todos os filmes, mas as "imagens" dos livros eram muito mais fascinantes!

Então, meu irmão do meio começou a trabalhar numa livraria... Quando ele avisava que ia haver uma "Feira do Livro" meu pai me dava dez cruzeiros e eu trazia a maior quantidade de livros que eu pudesse. Uma vez trouxe, numa batelada só: "A Verdade sobre a FEB", "Vientiane", "Limite de Segurança", "Tudo Começou com Marx", "O Homem que Sonhou com a Copa do Mundo"...

Comecei a trabalhar, além de estudar, e, num momento de tristeza, comecei a ler a Bíblia, não consegui parar enquanto não terminei! Logo em seguida li: Dumas, Victor Hugo, Kafka, Sheldon, West, Milton...

Hoje, meu filho gasta parte de sua mesada com livros, além dos que ganha, que não são poucos.

Outro dia, por conta de um amável convite para proferir uma palestra sobre o ato de escrever, fiz uma revisão dessa história e do processo de

aprendizagem da leitura: primeiro vêm os livros só com figuras; depois os com grandes figuras e pequenos textos; então surgem os com figuras e textos, equilibrados em espaço; na sequência, várias páginas de textos entremeadas por algumas, poucas, páginas com resumos de imagens; até que, de repente, a presença de imagens passa a ser irrelevante diante da capacidade progressivamente adquirida de imaginar os cenários e situações descritos pelo autor!

Quem lê pensa melhor, argumenta melhor, aprende melhor, escreve melhor e preenche seu tempo melhor. É capaz de viajar pelo mundo, real ou da fantasia; por si próprio, pela história ou pelo universo, sem sair do lugar, de primeira classe! E esse "passaporte" sempre estará a sua disposição, na prateleira ou na cabeceira da cama.

Há presentes que saem de moda, evaporam ou ficam gastos com o tempo... Um livro não! Pelo contrário, ele sempre será um presente fantástico para quem ainda não o leu!

É por isso que um livro foi, é e sempre será um grande e maravilhoso presente!

FERNANDA!

(Nov./2005)

A primeira vez que vi Fernanda Montenegro, eu tinha seis anos de idade e ela pouco menos de quarenta. Foi no final da década de 1960.

Não fomos apresentados, pois ainda não tinham inventado a TV interativa. Eu estava na sala de casa e ela, em preto e branco, num televisor Philco, de 23 polegadas. "La Montenegro" era protagonista da novela "A Muralha", da extinta TV Excelsior – Canal 9, de tantas boas recordações! Ao seu lado estavam: Edson França, Natália Thimberg, Cláudio Correa e Castro, Mauro Mendonça, Stênio Garcia, Rosa Maria Murtinho, Arlete Montenegro... Meu Deus! Que elenco fantástico!

Eu já conhecia os outros rostos, mas Fernanda era diferente: interpretava a matriarca de uma família de bandeirantes, que assumia os afazeres e obrigações da casa e da comunidade, quando os desbravadores partiam em suas expedições. Até hoje guardo uma cena na memória, que considero antológica na história da teledramaturgia brasileira:

Os emboabas atacaram as propriedades dos "paulistas", com o apoio de índios de sua relação. Com a ausência dos bandeirantes, só havia mulheres, idosos, crianças e alguns índios para defender o rancho. Parecia fácil... Mas não foi!

O personagem de Fernanda, que aparentava muito mais idade, assumiu o comando das defesas, junto com sua irmã, interpretada por Natália Thimberg. Ao fecharem o portão de acesso uma flecha cortou o rosto de Natália... O sangue começou a jorrar e, apesar da dor, ela manteve-se em alerta. Para estancar o sangue em meio àquele caos, Fernanda lançou mão da única solução disponível: cauterizou a ferida com um ferro em brasa! A cena foi terrível, só atenuada pela falta de cores da transmissão. Hoje, eu sei que os recursos de maquiagem não eram grande coisa, que não fazia muita diferença em preto e branco. A grandeza e dramaticidade da cena estavam nas interpretações das atrizes, sobretudo de Fernanda!

Fernanda Montenegro é uma estrela rara! Perdoem-me os discordantes, mas ainda não vi uma atriz brasileira que rivalizasse com ela em versatilidade! Só perde para Bibi Ferreira no quesito: canto! Fora isso, é

impressionante a credibilidade que ela empresta aos personagens: da suburbana à "socialite", da escachada à arrogante. A voz, o corpo e os trejeitos se adaptam como mágica! Mas o olhar é único, dono de uma imensa e intensa expressão!

Ódio, choro, sorriso, gargalhada, vulgaridade, "barraco", sensualidade, "finesse"... Não lembro nada que tenho soado falso ou medíocre em suas atuações!

Disse que ainda não vi uma atriz brasileira comparável a Fernanda...
Estendo o comentário ao âmbito internacional!

O magnetismo desse ícone da televisão brasileira está nas mulheres que interpreta e, também, na pessoa: sua postura e olhar transmitem a convicção e a segurança de uma mulher que fala o que pensa, e que o tempo parece não atingir. É como se os diretores só precisassem dizer: "Câmera... Ação!", pois as luzes a acompanham onde quer que esteja!

Fernanda Montenegro é motivo de orgulho e prazer para os brasileiros!

Não ganhou um "Oscar"? E daí?

Quem sabe os membros da Academia ainda tenham a oportunidade de vê-la, um dia, interpretando ao lado de Morgan Freeman, Paul Newman, Denzel Washington, Jean Reno, Anthony Hopkins... Eles não sabem o que estão perdendo!

OS DEUSES ESTÃO MORTOS

(Out./2005)

Esse era o nome de uma novela da TV Record, nos anos de 1970.

Nela um fazendeiro, brilhantemente interpretado por Rolando Boldrin, era o vilão. Cruel e violento, ele era a personificação do "tirano de aldeia". Tinha a vila em suas mãos, fazia e desfazia inclusive com os que teoricamente deveria amar.

Ele tinha muitos escravos e os tratava da pior maneira possível. Não admitia ser questionado e quem o fazia podia contar com dias turbulentos pela frente. Dependendo da afronta ou incômodo, poderiam ser poucos dias... Talvez não fossem, mas ficariam bem marcados, pois em frente a sua casa havia uma argola, onde escravos rebeldes ou "fujões" eram açoitados sem compaixão. Seus desafetos não tinham melhor sorte, sempre sujeitos a emboscadas.

Portava-se como um deus: inflexível, intocável e, a seu ver e de seus sequazes, infalível.

Certo dia surgiu um andarilho na vila. Seu olhar era enigmático, apesar de, se não me engano, usar um tapa-olho. O homem revelou-se um místico e passou a fazer presságios que logo foram confirmados!

A fama do homem se espalhou e o velho fazendeiro também quis saber o que o futuro lhe reservava. Mandou chamá-lo...

Diante do todo-poderoso senhor das terras, o místico, com o olhar fixo e a voz grave, fez seu oráculo: "O senhor nunca há de cair morto!".

O tirano, que já era "difícil", ficou impossível. Já crente de que era uma pessoa especial, agora se via, também, imortal: um deus, acima do bem e do mal!

Mas os acontecimentos fugiram ao seu controle e na distante Corte Imperial a Princesa Isabel assinou a "Lei Áurea": a escravidão oficial fora extinta no Brasil!

Os escravos, libertos das correntes, seguiram, então, para a casa do fazendeiro. O mesmo ocorreu com todos os que haviam sido vítimas do algoz.

Ao ouvir o alarido ele não se intimidou: saiu esbravejando e enfrentando a todos! Embora fosse uma novela, foi muito bem retratado o poder do carisma, pois, embora muitos quisessem "por as mãos" nele, só conseguiam cercá-lo. Ele prosseguiu, desfazendo de todos, falando de seu poder e bradando: "Eu nunca vou cair morto! Eu nunca vou cair morto!". Foi quando franziu o rosto e levou a mão ao peito... Sua voz diminui de intensidade e seu andar ficou trôpego. Passou a encostar-se nas paredes, agora com ar estupefato pela dor que sentia. Seguiu assim até a argola onde os escravos eram maltratados. Agarrou-se a ela com todas as forças que lhe sobravam... Ali, pendurado e ainda a dizer: "Eu nunca vou cair morto!", deu seu último suspiro...

De longe o místico confirmou sua profecia: "Eu disse que ele nunca cairia morto...". De fato, não caiu: morreu de pé!

A "novela" das CPIs tem muito a ver com isso: Há "deuses", "santos" e "anjos" de todas as cores e partidos sendo desnudados e expostos, mas que insistem em agarrar-se a toda a "argola" possível e impossível, na certeza de que estão acima do bem e do mal! Alguns cobram para si, hoje, os direitos que negaram aos outros, no passado, quando, em vez de julgados eram juízes.

Na História, o verdadeiro caráter de muitos homens públicos endeusados por seus povos, só foi conhecido após suas mortes. Da mesma forma, muitos dos que foram perseguidos e desmoralizados por eles só foram resgatados quando não era mais possível reparar os erros ou pedir desculpas!

É... O jogo do poder é cruel! Mas os que hoje lutam talvez não pereçam nem na vida política! Afinal, o carisma ainda é um grande mistério... Quem sabe evitem a cassação... Mas, ainda que percam seus direitos políticos temporariamente, hão de sobreviver. Os erros dos outros talvez até os redimam ou amenizem... No entanto, mesmo que continuem a se apegar às "argolas" de seus egos, sua credibilidade já está comprometida, caída. Nesse patético cenário político a única solidariedade com que podem contar é a certeza do povo, de que muitos dos que os julgam deveriam também ser réus!

O místico da novela tinha apenas um olho, mas conseguia enxergar o futuro. Muitos de nossos políticos têm dois olhos, mas estão cegos pelo poder, pela arrogância, pela ganância ou pela submissão. Poucos caem, mas,

o povo, sempre de boa-fé - apesar de açoitado por suas decisões e indecisões – tem uma imensa - às vezes excessiva - capacidade de perdôá-los, nas urnas.

A esperança é que um dia nossos políticos desçam de seus pedestais - ou subam de seus fossos - e realizem que não são deuses nem senhores, mas porta-vozes de milhões de seres humanos; e que não estão acima do bem e do mal, mesmo que se dêem vantagens e imunidades.

Nesse dia, talvez realizem que não faz sentido pregar igualdade, mas se crer diferente; e que, por mais duro que isso possa lhes parecer, existe a possibilidade do Brasil ter um futuro melhor sem eles e apesar deles!

DEMÔNIOS OU ANJOS?

(Out./2009)

O universo artístico é repleto de nomes estranhos, quase sempre "achados" de alguma mente distraidamente iluminada. Ainda hoje, encontramos grupos com nomes curiosos, como: "Paralamas do Sucesso" ou "Mamonas Assassinas", que são algo mais do que mera tradução, brincadeira ou semelhança fonética com denominações de grupos internacionais. Nesses casos, o nome é atrativo, mas é o conjunto da obra e a empatia com o público que mantêm a lembrança viva e a sobrevida dos grupos.

Pois é... Os "Demônios da Garoa" acabaram de completar 60 anos de existência: recorde mundial em sua "categoria"!

Nada mal para um grupo que tem em seu repertório: "Mulher Rendeira", tema do premiado filme "O Cangaceiro", dos anos de 1950. Mas foi como intérpretes "virtuosos" das obras do saudoso Adoniran Barbosa, que eles se consagraram nacionalmente.

Não sei se isto pode ser qualificado como regra, mas duvido que em qualquer parte do Estado de São Paulo, ao menos, alguém ainda não tenha cantado "Trem das Onze", "Saudosa Maloca" ou "Samba do Arnesto", principalmente nos finais de festa, repetindo os mesmos erros das letras originais, ou incorporando novos. "Iracema" já é para os "virtuosos"...

Numa época em que os cantores do rádio tinham que ter vozeirões quase líricos, os "Demônios da Garoa" enveredaram pelo campo da sátira, com vozes escachadas e carregadas de sotaque suburbano. Fizeram delas a sua marca registrada e, com elas, uma legião de fãs de todas as idades.

Meu pai era projetorista de um cinema de bairro, o que me permitia alguns privilégios, dentre os quais o de selecionar o disco que seria tocado antes da projeção do filme. Sempre que eu ia, normalmente nos domingos à tarde, creio que até os freqüentadores mais assíduos das seções vespertinas já sabiam que o filho do "Seo" Manoel estava por ali, pois a primeira música tocada era, invariavelmente: "Chun-chin-chun era um "china" danado! Chun-chin-chun era homem gozado! Se via mulher na pastelaria, Chun-Chin-Chun a vida esquecia...", tudo isso entremeado com risadinhas e imitações, mas finalizado com uma polifonia imponente: "Pastel com vento, sim senhor!"...

Francamente, é preciso ter coragem para cantar isso, concordam? Mas que era muito divertido era, ao menos, para uma criança de sete anos!

O tempo passou e poucos restaram da formação original; mas eles continuam firmes e fortes, se divertindo com o que fazem e improvisando corais de centenas de vozes, de platéias precisas e afinadas, a cada nova apresentação. Gal Costa experimentou essa sensação quando gravou, ao vivo, "Trem das Onze"!

Num universo cheio de maldades explícitas, suas brejeirices melódicas soam como um coro angelical.

Que bom que eles ainda estão bem longe de ser uma saudosa lembrança!

O mercado fonográfico, com seus "gênios" de gostos duvidosos, pode continuar tentando destruir a cultura musical brasileira, com seus "adifícios" altos; mas, o "palacete assobradado" dos "Demônios da Garoa" já está definitivamente tombado e preservado na memória dos que aprenderam a admirá-los! E com alojamento vitalício para o "Mato Grosso" e o "Joca", é claro!

YARA E JUCA

(Out./2005)

Algumas pessoas são uma incógnita, principalmente quando só as conhecemos pela opinião de terceiros. A expectativa muitas vezes pode ser frustrada...

Yara, a esposa de Juca Chaves, poderia ser uma dessas pessoas:

Musa do "Menestrel Maldito", como o "Juquinha" também é conhecido, ela foi - e continua sendo - protagonista de uma das mais belas canções que conheço: "Eu quero uma mulher, que seja diferente de todas que já tive, todas tão iguais...".

Ouvindo essa música, nos distantes anos de 1970, eu, adolescente, imaginava se existiria uma mulher assim: "De dia uma menina, de noite uma mulher". Demorei dez anos para descobrir, bem pertinho de mim, que sim! Ou seja: existem pelo menos duas: a dele e a minha!

Mas o meio artístico é um pouco mais complexo que o dos simples mortais. Daí, a longeva união de Yara e Juca, por si só, já é um acontecimento!

Muitos devem ter perguntado: baixinho e narigudo ("Nariz, ai meu nariz..."), como é que ele conseguiu conquistar aquela loira alta e esguia? Ora, todos nós temos tesouros a serem descobertos: Yara, por certo, descobriu os dele, e Juca, por sua vez, decantou em prosa e verso, e sem machismo, os de sua amada. Mas quase não a ouvíamos, avessa que sempre foi à luz dos refletores.

Pois é... Foi num programa radiofônico de debates que tive a oportunidade de conhecer o pensamento desse mito "chaveano". Do alto de seus 52 anos naturalmente informados, Yara afirmou que só aceitara participar daquele fórum em razão do tema focado: a adoção!

"E daí? Tem um monte de gente que adota!" – talvez alguns digam.

Bem, há uma enorme diferença entre "adotar" e adotar! Registrar uma criança e apresentá-la à sociedade não significa assumir maternidade ou paternidade. Há muito mais coisas envolvidas nisso, principalmente do ponto de vista emocional.

Yara disse que não tem babá e que acorda todos os dias às 6 horas da manhã para acompanhar, por completo, o dia de suas duas filhas adotivas: uma mãe-avó e um pai-avô, como denominou a si e ao Juca.

"Legal! Eles têm duas filhas adotivas...".

O detalhe é que elas são negras, ou afrodescendentes, se preferirem. Mesmo isso não chega a ser uma exceção. A diferença está na maior preocupação de Yara: a de que um dia elas sejam discriminadas por esse motivo!

Infelizmente, esse risco existe e é notório numa sociedade que ainda está contaminada pelo vírus do racismo: uma atitude tão semelhante ao fanatismo, porque também visceralmente irracional!

O diferencial de Yara e Juca está na fórmula que ambos encontraram para ajudá-las a enfrentar esse problema, no futuro: investir em cultura! Ela justificou, de forma luminar, que não existe melhor arma contra a ignorância, do que a cultura!

Lembrei de outro trecho da música que Juca fez para ela: "Que o seu falar provoque o silenciar de todos!". Foi mais ou menos o que ocorreu, seguido de manifestações de aprovação.

Ora, não são todos os pais adotivos e poucos os pais naturais, de baixa renda, que têm condição de propiciar esse tipo de formação aos filhos. Muitos, aliás, precisam deixá-los em creches ou com terceiros, para enfrentarem jornadas insanas de trabalho, para tentar assegurar-lhes um pouco mais do que casa e comida. Além disso, a cultura tem sido usada, erroneamente - ou propositalmente - como forma de manter o distanciamento social. Essa decalagem pode e precisa ser diminuída, mas não deve depender, apenas, do discernimento de pais naturais ou adotivos: Precisa ser uma visão da sociedade, espelhada e concretizada nos governos.

Pão para fome e para o espírito!

Yara, com certeza, não terá as dificuldades que muitos pais têm para criar seus filhos. Mas, se muitos, principalmente os governantes, entenderem que o racismo é fruto de mentes vazias, invadidas pelos posseiros da mediocridade arrogante e oportunista, talvez, um dia, o Brasil erradique realmente essa praga! Enquanto isso - e independentemente disso - continuará sendo imprescindível que os pais, naturais ou adotivos, adotem seus filhos, com amor e carinho, e dêem condições para que eles possam sonhar e construir um mundo melhor para todos, sem distinção de poder aquisitivo, credo, etnia, raça e todas essas justificativas que maus filhos e péssimos pais usam para negar a fraternidade primordial!

QUE FIM LEVOU O AMOR?

(Dez./2005)

O amor pode existir sozinho, platônico ou narcisista, mas é muito melhor quando é correspondido!

Ocorre que, infelizmente, o que mais se vê é qualquer coisa, menos amor. Há muito interesse, muito negócio, muito oportunismo, muita conveniência, muita aparência, mas quase nenhum sentimento.

As pessoas mal se conhecem e já estão juntas, para, logo depois, se separarem. Num dia, um acha o outro o máximo, digno de compartilhar seus segredos! No outro, não dá mais a mínima, e publica, com estardalhaço, todos os defeitos da "antiga paixão"!

O casamento, então, foi transformado num mero contrato de prestação de serviços, cheio de cláusulas indenizatórias. Virou um instrumento para ascender socialmente, uma "escada" para o meio artístico, uma "peneira" para acobertar desvios de comportamento sexual, moral e social não assumido, ou como um último recurso para satisfazer a compulsão sexual de conquistadores mesquinhos e baratos, por mais ricos que sejam. Quando o objetivo é atingido, entram em jogo as armações para romper as amarras, com o maior lucro ou menor prejuízo possível. E para tanto vale tudo, com requintes de morbidez e crueldade!

Que fim levou o amor?

Há quem case pensando que o outro vai mudar. Há quem case pensando que nada vai mudar. Há quem case porque não encontrou nada melhor para fazer. Há quem case para ter "segurança". Há quem case com mitos. Há quem case para ter uma "regra três" em casa. Há quem case porque quer uma mãe ou pai que não teve, ou por quem desenvolveu um afeto doentio.

Mas a comunhão que o casamento representa, como o próprio nome pressupõe, não admite a anulação de nenhuma das partes. Mesmo que a personalidade de um seja mais forte que a do outro, o respeito deve estar de mãos dadas com o amor. Um deve elevar o outro!

Um rosto ou um corpo bonitos têm sua importância; o fogo da paixão, também. Mas só isso não basta! A beleza se esvai, como um material

de consumo; a paixão se acalma ou, pior, consome, extrapola, enlouquece, fere ou mata!

O amor de verdade é natural: não cobra, nem pune; não suga, nem esgota; quer a proximidade, mas resiste, na distância; quer estar perto mesmo estando longe; acaricia o corpo, quando presente, e a alma, em pensamento. O amor sincero é assim: avesso à confusão, frutifica em profusão! Mas, para saborear seus frutos é preciso cuidar dele, de si próprio e do outro, todos os dias, em pensamentos, atos e palavras. Assim, ele será prazer para todos os sentidos e em todos os sentidos. Será celebrado em todos os dias, e não apenas em cerimônias caras e extravagantes, feitas para alimentar colunas sociais e tablóides sensacionalistas. Um será manchete, sim, em todas as edições, mas no coração e mente do outro, e não apenas no início “glamuroso” e no fim rancoroso ou, até, criminoso.

Para isso é preciso que haja muito mais que interesses mundanos nos relacionamentos. É preciso que a paixão e o desejo não ceguem e escondam os segredos da alma e os vazios da mente. É preciso estar atento e, ao mesmo tempo, tranqüilo. É necessário que um goste tanto do outro, que o prazer seja entremeado por amizade e companheirismo. Não há lugar para egoísmo, mas um pouquinho de ciúme é sempre bem-vindo.

Amar dá trabalho, mas também dá descanso! Por isso mesmo, não se deve desprezar nem confundir o amor com outras coisas. Sua semente deve ser plantada e cuidada, para que floresça. Senão, continuará a aumentar o coro para a canção de Djavan:

"Que fim levou o amor? Plantei um pé de flor, deu capim!".

GALOS, NOITES E QUINTAIS

(Out./2005)

Belchior é, talvez, um dos maiores poetas da música brasileira pós anos 1960. Surgiu com o "Pessoal do Ceará", que também revelou Amelinha, do "Frevo Mulher"; Ednardo, do "Pavão Misterioso"; e Raimundo Fagner, que dispensa comentários. "Eu sou da lata do lixo. Eu sou do luxo da aldeia. Eu sou do meu Ceará!", cantavam. Mas logo se dispersaram.

Não me liguei em seus destinos, até que, um dia, ouvi Roberto Carlos cantando uma música que era irresistível; impossível de não ser ouvida:

Em ritmo de acalanto, doce-amargo, quase tristonho, dizia: "As velas do Mucuripe vão sair para pescar. Vão levar as minhas mágoas, pras águas fundas do mar...". Era uma obra-prima de Belchior e Fagner, com frases portadoras de uma pureza, infelizmente, quase extinta em nossos autores mais recentes: "Calça nova, de riscado; paletó de linho branco, que até o mês passado, lá no campo ainda era flor. Sob o meu chapéu quebrado, um sorriso ingênuo e franco, de um rapaz, moço encantado, com vinte anos de amor". Mas essa pureza de Belchior escondia uma rebeldia de sons e palavras que, quando ele queria, cortava como faca ou navalha!

Elis Regina, a "Pimentinha" – que também gravou "As velas do Mucuripe" -, encantou-se com seus "rocks"; soltou a voz e lançou-o ao estrelato. Ela interpretou suas canções magistralmente, sem dúvida, mas ele - com sua voz rouca, grave, nasalada, quase rude, e seu indefectível bigode - o fazia de forma inigualável: Aguardava a introdução, invariavelmente de cabeça baixa, concentrado, para, depois, avançar uma perna e começar a cantar, como se estivesse dando a partida para uma corrida de fundo: do fundo da alma!

Entremeava frases longas com cortes rápidos. Parecia deixar a música correr, para, depois, alcançá-la. Coisa que só o autor sabe e pode fazer.

Suas músicas foram e ainda são gravadas por outros, mas, em minha opinião, ele continua sendo seu melhor intérprete!

Dava-se ao requinte de fazer duas letras! Vanuza gravou "Paralelas", com o refrão: "E as borboletas, do que fui, pousam demais, por entre as flores do asfalto em que tu vais."; enquanto ele, preferiu: "Como é perversa

a juventude do meu coração, que só entende o que é cruel e o que é paixão!". Nessa mesma canção ele sentenciou: "E no escritório, em que eu trabalho e fico rico, quanto mais eu multiplico diminui o meu amor", e extravasou: "No apartamento, oitavo andar, abro a vidraça e grito quando o carro passa: teu infinito sou eu!".

Belchior era capaz de falar da "Hora do Almoço", de "Galos, Noites e Quintais", do "Medo de Avião" e até de seu cão, sem cair na pieguice: "Populus, meu cão... O escravo indiferente, que trabalha e, por presente, tem migalhas sobre o chão...".

De repente, Belchior sumiu! As lojas parecem só ter coletâneas de sua obra. Nas rádios, só ouvimos suas músicas em "flash backs". Na TV, sua presença é rara.

Será que ele perdeu a inspiração? Não creio, pois vi Belchior, recentemente, e ele continua criativo, devotado, afiado e afinado! O que há, então?

Parece que os "magos da mídia" o consideram ultrapassado, pré-histórico.

Ora, se isso é verdade, então ele deveria estar na moda, a considerar pela gama de inesgotável de "trogloditas pasteurizados" que nos é imposta todos os dias, maltratando nossos ouvidos e neutralizando nossos neurônios.

Mas dizem que Belchior faz vinte shows por mês, sempre lotados, cantando canções que fazem pensar! Será que pensar é ruim para os negócios?

Só sei que, num universo que continua repleto de moças e rapazes latino-americanos, sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindos do interior, Belchior não pode estar ausente, nem esquecido, nem mudo:

Precisa cantar muito mais!

Ô CRIDES!

(Out./2005)

Carlo Bronco Dinossauro foi o principal personagem da carreira de Ronald Golias. Mas também houve o Pacífico, que consagrou o: "Ô Crides! Fala pra mãe..."; o Profeta, do bordão: "Uááááa!"... Bem, não foram tantos, mas poucos comediantes brasileiros conseguiram dar tanta longevidade a personagens tão pouco maquiados. Aliás, o rosto de Golias era tão ou mais importante do que o esquete e seus "cacos" precisos!

Quem já viu filmes do humorista Red Skelton, um dos melhores comediantes da época de ouro de Hollywood, reconhecerá uma semelhança facial marcante; mas Golias teve a capacidade de dar vida, incorporar e manter um personagem especialmente querido: o Bronco, por mais de quarenta anos, sem que ele perdesse o pique ou a graça.

Suas performances na Família Trapo - seu maior sucesso, sem dúvida! - estão entre as páginas inesquecíveis do humor brasileiro. Hoje, mesmo, em sua homenagem, reprisaram pela enésima vez o capítulo em que ele contracena com Pelé, e ensina o Rei a cobrar pênalti com "paradinha"... É impossível não morrer de rir! Mas a piada seguinte ressuscita...

Dono de um humor nada refinado, mas todo irresistível, Golias era capaz de fazer rir com um simples trejeito ou careta. Carlos Alberto de Nóbrega, seu amigo e principal redator, o definiu: "Era um gênio!". Definição perfeita!

Golias deu "status" à categoria dos cunhados! Arrasou, ao vivo, no bom sentido, clássicos como: "Romeu e Julieta" e "Cleópatra", ao lado de Hebe Camargo. Deste último, lembro especialmente de uma cena:

Os centuriões trouxeram cristãos à sua presença, que, de joelhos, passaram a implorar por suas vidas. Ele demonstrou inconformismo e piedade, e passou a repetir, ao seu estilo: "Não! Não! Não!...", balançando a cabeça acintosamente. Esperançosos com a reação, os condenados passaram a segurar sua mão e beijá-la, falando que tinham famílias para sustentar... Ele, aos prantos, clamou: "Não me torturem!", e, sob os olhos iluminados dos cristãos, chamou: "Centurião!". Quanto o guarda atendeu, ele, ainda

emocionado com o clamor dos pobres coitados, disparou: "Levem-nos aos leões!"...

Jamais conseguirei reproduzir com palavras essa sucessão de imagens e diálogos, mas asseguro que só depois de muito tempo a encenação pôde ser retomada, pois a platéia não conseguia parar de rir.

Golias era assim: capaz de transformar qualquer texto, roteiro e, até, erros numa surpresa cômica! Por isso mesmo ele era imprescindível, ainda mais nos tempos atuais, tragicômicos, graças aos detentores dos três poderes. Graças a Deus, Golias nunca perdeu o poder de nos fazer rir!

Ô Crides! Fala pra mãe que nós não temos palavras para agradecer a esse gigante do humor, que nunca se deixou derrubar por pedra lançada da funda do desânimo e, enquanto a doença permitiu, não deixou de fazer rir! Que ele se junte, no palco do céu, aos saudosos: Otelo Zeloni, Sônia Ribeiro e Renata Fronzi, para encenarem uma nova, eterna e divina comédia, no melhor estilo "Família Trapo"!

Os anjos nunca mais serão os mesmos...

O “VELHO” CHICO

(Ago./2008)

A vida do brasileiro é repleta de velhos “Chicos”:

Há o Velho Chico, rio bem brasileiro, que se deixa navegar por carrancas, mas não tem medo de cara-feia. Pelo contrário, sorri e dá vida e frutos aos ribeirinhos. Flui nas veias do Nordeste! Também tem o lendário Chico, o "Rei", príncipe africano feito escravo, que com afinco e esperteza conquistou a liberdade de seu povo, e o respeito de seus algozes, na Vila Rica de outrora. O Chico Mineiro, boiadeiro e violeiro, velho e inseparável companheiro de viagem, foi imortalizado nas vozes de Tonico e Tinoco. Tinha, ainda, o velho e saudoso Chico, o Xavier, que espalhava sua luz espiritual desde Uberaba, a provar que as Minas Gerais podem ter tesouros bem mais valiosos sobre a terra, que debaixo dela. O Chico "Rei da Voz", o Alves - que também era "Viola" -, partiu não tão velho, nos anos de 1950, vítima de um acidente de carro e do destino. Não podemos esquecer o Chico da Amazônia, o Mendes, que não morreu de velhice, mas por causa do velho problema da terra.

Todos seguramente deram muito mais do que receberam, pelo que, com certeza, contam com as bênçãos de outro Chico, o santo de Assis, italiano de nascimento, mas universal, pelo amor.

Mas há mais um Chico, que já passou dos sessenta, embora custe a acreditar. Nasceu no berço da cultura, cresceu no universo das artes, eruditas e populares, e nelas continua a deixar sua marca inconfundível.

Diz a lenda que um dia, num distante 1965, Chacrinha, o "Velho Guerreiro", o "buzinou"! Também acharam que Einstein era "limitado", no princípio... Mas ele também mostrou ser guerreiro e não desistiu da luta. Primeiro, cronista e já compositor, foi num Festival da Record, em 1966, que eu "estava à toa na vida", quando, no início, Nara Leão e, depois, ele mesmo defenderam "A Banda" contra a "Disparada", de Vandrê. A contenda ficou empatada, mas não a MPB, que viu o início de uma de suas mais profícuas safras de artistas e a consolidação de um de seus maiores expoentes: um jovem tímido e simples, de voz pequena, mas alma imensa e intensa. Um

predestinado, por um "anjo safado, um chato dum querubim", a ser tão bom assim!

Culto, não se deixou cair na armadilha da arrogância. Buscou o povo em vez de distanciar-se dele na intelectualidade esnobe e vazia. Como Villa-Lobos buscou na erudição instrumentos para expressar a arte popular e o amor por seu país, mesmo quando estava distante dele, por força da "força".

Crônica, música, teatro, cinema, literatura... Parece não haver limites para a sua verve! E sempre com presença marcante, com ou sem suas maravilhosas parcerias: Vinícius, Tom, Francis Hime, Ruy Guerra, Paulo Pontes, Edu Lobo, Leonel Paiva, "Julinho da Adelaide" ("Você não gosta de mim, mas sua filha gosta!")... Gozador! Se fossem contemporâneos com certeza também comporia com Noel Rosa e Ary Barroso!

Esse Chico, o Buarque, é "de Hollanda". Viveu exilado na Itália, mas poucos são tão brasileiros em atos, palavras e músicas como ele! Sua arte é uma exaltação pura, apaixonada e sem censura à cultura nacional, mesmo quando "Joga m... na Geni!". Antes ele, musicalmente, nela, que outros, politicamente, no Brasil...

É... Esse Chico de velho não tem nada! Sua eterna juventude só pode ser explicada pela Teoria da Relatividade, do mesmo Einstein que também foi "buzinado" no início de carreira:

O tempo passa, mas ele parece estar sempre adiante dele!

SR. BRASIL

(Jul./2005)

Esse é o nome do programa que a TV Cultura estreou em julho, sob o comando do ator, compositor, cantor e contador de "causos" Rolando Boldrin, e que entrou na grade de programação da emissora nas terças-feiras, as 22:00.

Um palco pequeno, com iluminação minimalista e platéia bem próxima dá um ar intimista e aconchegante, como se estivéssemos numa "roda de viola" ou "galpão crioulo", só que com um pouco mais de sofisticação cênica.

A proposta do programa não é diferente de outros, similares: mostrar manifestações culturais das diversas regiões do Brasil.

O tema de abertura é velho conhecido: "Corre um boato aqui, donde eu moro, que as mágoas que eu choro são mal ponteadas...".

Já nos primeiros programas foi possível apreciar algumas pérolas de bom gosto:

A primeira foi com Ney Matogrosso, Lulhi e Lucina. A segunda foi com Toquinho, acompanhado de uma nova e agradável intérprete, cantando clássicos da música popular brasileira. Mas, nem só de convidados especiais vive o programa: artistas populares maravilhosos, mas desconhecidos do grande público, desfilam sua arte, competência e resistência. Até o Hino Nacional ficou mais bonito, num magnífico solo de viola!

Como esses programas são precisos e preciosos! Fazem lembrar que temos cultura popular genuína!

Num deles, Boldrin anunciou a dupla de repentistas "Caju e Castanha"... Munidos de pandeiros, muita criatividade e humor eles desceram do palco e começaram uma "embolada", que tinha por mote as diferenças entre ricos e pobres. O ritmo era repetitivo, mas as frases – cheias de ironia e verdade – faziam rir e pensar.

Dia desses, na mesma emissora, ouvi, ao final de outro programa, outra embolada com roupagem moderna, que nada devia aos ritmos que "importamos", travestidos de movimentos de protesto.

Pois é... Temos repentes, desafios e emboladas: ritmos tão antigos quanto nossa história musical; mas alguns de nossos jovens preferem o "rap" e o "hip hop", onde as músicas chamam menos a atenção, por exemplo, do que os bonés virados, roupas onde caberiam duas pessoas, gestos esconso, teatrais; gíria e "cara de mau", das quais seus intérpretes usam e abusam.

Nossos jovens precisam, urgentemente, descobrir que temos manifestações culturais, que não têm nada de chatas ou bregas. Elas podem dar vazão, divertida ou engajada, aos seus anseios de expressão e evitar que continuemos meras cópias mal-acabadas de modismos estrangeiros que, além de caros e alienantes, são de qualidade extremamente duvidosa.

Não é porque tem gente vendendo o Brasil ou praticando "tradições" nefastas, em círculos fechados, desde os tempos de Pero Vaz de Caminha, que os brasileiros devem se apresentar voluntariamente para perda da identidade cultural e nacional. Até festas tradicionais do interior brasileiro estão repletas de manifestações culturais alienígenas e alienantes, na música e na dança.

Não há nada de errado em conhecer e respeitar outras culturas, mas, há limites! Senão, em breve, festa de peão de boiadeiro vai virar "cowboy challenge" e alguém vai querer mudar o nome do programa para "Mr. Brazil"!

A verdadeira revolução social e a noção de soberania nacional começam pela valorização da nossa cultura!

Com a palavra órgãos públicos, professores, agitadores culturais, organizadores de eventos, empresários, programadores de mídia e outros formadores de opinião.

PEDRO PEDREIRO

(Jun./2005)

Fazer música não é fácil. Mais difícil, ainda, é interpretar!

Cantar sozinho exige afinação e sensibilidade, apesar da maioria dos cantores atuais negá-lo, na prática. Fazer um dueto envolve as mesmas qualidades, acrescidas de um bom entrosamento. Um coral, então, depende fundamentalmente da “mão” do regente!

Entre o dueto e o coral, no entanto, residem formações de maior complexidade, pois precisam saber “colorir”, sem contar com regência. O risco de uma “atravessada” é alto e pode prejudicar o resultado de maneira dramática. Talvez por isso não tenhamos muitos exemplos bem sucedidos desses tipos de formações vocais intermediárias.

No caso do Brasil, nos tempos áureos do rádio tivemos o “Bando da Lua”, que acompanhava Carmem Miranda; “Quatro Ases e Um Coringa”, “Os Anjos do Inferno”, o “Trio de Ouro”, que tinha os saudosos Herivelto Martins e Dalva de Oliveira - pais de Peri Ribeiro - e os eternos “Demônios da Garoa”, entre outros. Na época do “Samba-Canção” e da “Bossa Nova” tínhamos: “Os Três do Rio”, o “Trio Iraquitã”, os “Titulares do Ritmo” e, principalmente, “Os Cariocas”! Numa escala menor – e num estilo totalmente diferente – havia: “The Golden Boys”, “Trio Esperança”... Nessa mesma época, também fazia sucesso o fantástico “Swingle Singers”, grupo internacional que cantava basicamente “à capela”, na base do “pa-da-ba-da”.

Depois desse tempo, as únicas e abençoadas exceções foram: “Os Tingoões”; o “14 Bis”, o “Roupa Nova” e o “Boca Livre”, que tanta falta faz.

Ainda existem muitos grupos vocais. Há, até, uma “inflação” deles! Mas estão a anos-luz dos citados, em todos os sentidos.

Esqueci de mencionar algum? Sem dúvida!

O MPB4 é um deles. Mais do que um grupo, ele é um marco da música brasileira: intérpretes precisos das composições de Chico Buarque e Aldyr Blanc. Mas tenho um carinho especialíssimo pelo “Quarteto em Cy”:

Seu repertório é um primor de qualidade e suas vocalizações beiram à perfeição, passeando com desenvoltura entre o brejeiro e o lírico! São delas, sem concorrência, as melhores interpretações de obras-primas como

“Samba do Crioulo Doido”: “Foi em Diamantina, onde nasceu JK...”, de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do fantástico Sérgio Porto.

Infelizmente, o estilo do “Quarteto em Cy” não está entre as prioridades do mercado fonográfico atual. Elas até lançam, eventualmente, CDs novos... Às vezes surge uma coletânea. Outro dia, aliás, garimpei uma, numa banca de promoções de um supermercado. Dentre as várias músicas conhecidas, uma, em especial, lembrou-me tempos de criança: “Pedro Pedreiro”: “Pedro Pedreiro penseiro esperando o trem...”.

É um samba cheio de ritmo e filigranas, que foi composto por Chico Buarque, em 1965, antes da consagração dos festivais. “Caiu a ficha” de que era uma canção de protesto, mas plena de doçura e sutileza. Fala de um operário: sua vida sem perspectiva e sua espera, infinita, por aumento, morte, trem... Parece que nada mudou!

A música termina com um: “Que já vem. Que já vem. Que já vem....”, que imita a aceleração de um trem... Um achado poético, talvez influenciado por Villa-Lobos!

Sei que gosto não se discute, mas como seria bom voltar a ouvir esse tipo de música nas rádios e TVs, não em programas saudosistas, mas em especiais bem produzidos. Quem sabe num novo encontro: “MPB4”, “Quarteto em Cy” e Chico!

Será que esse “trem ainda vem”, ou, como no “Samba do Crioulo Doido”, infelizmente: “... tá atrasado, ou já passou”?

O CIRCO DO ARRELIA

(Mai./2005)

“Como vai? Como vai? Como vai? Como vai? Como vai, vai, vai?”.

“Eu vou bem! Eu vou bem! Eu vou bem! Muito bem! Muito bem, bem, bem!”.

Quem tem mais de quarenta anos guarda na memória, com especial carinho, estas frases. Com certeza, também aprendeu a imitar o aperto de mão exagerado e sincronizado, seguido do impagável abraço, com a perna envolvendo a “vítima”...

Era desse jeito que os palhaços “Arrelia” e “Pimentinha” se cumprimentavam no palco-picadeiro, armado todo o início das tardes de domingo, na televisão dos anos 1960. Era o “Circo do Arrelia”!

A arquibancada estava sempre repleta de crianças, que participavam das brincadeiras e repetiam todos os bordões, num coro entusiasmado. Os esquetes eram sempre parecidos ou repetidos, mas era impossível não rir dos pontapés, tapas, correrias, banhos de talco e tortas na cara, coadjuvados por mágicos, acrobatas, contorcionistas e malabaristas. Era pura pantomima, no melhor estilo “Carlitos” – Arrelia também usava bengala – e “Os Três Patetas”.

Waldemar Seyssel, o “Arrelia”, foi um dos primeiros palhaços a atuar na televisão brasileira! Dentre suas muitas qualidades e facetas, era hilária a forma como “mastigava” certas palavras... Também estrelou muitos filmes, sempre maquiado, mesmo quando usava roupas comuns!

Aliás, essas são as principais e seculares características dos grandes palhaços: a pintura, as roupas grotescas, os bordões de fácil memorização e, principalmente, os nomes artísticos. Estes eram tão importantes como os de batismo, e eram escolhidos com todo o cuidado, geralmente pelos pais ou padrinhos, também circenses. Era um ofício de pai para filho!

Os traços e cores da maquiagem compunham uma máscara sardônica, que parecia e fazia rir, mesmo quando escondia dores e mágoas. Sim, os palhaços sempre foram grandes enganadores! Mas nunca iguais! Só tinham em comum o humor ingênuo, que fazia adultos e crianças rirem aos borbotões, mesmo quando choravam!

Do circo para a televisão, “Arrelia” e “Pimentinha” - e, mais tarde, “Torresmo” e “Pururuca” - mantiveram-se fiéis à tradição dos grandes palhaços brasileiros, como: “Fuzarca”, “Piolin”, “Carequinha” e tantos outros. Todos tiveram “personalidade”! Eram criações genuínas e cheias de franqueza. Até que o “Bozo” transformou palhaçada em franquia e o circo pegou fogo de vez...

Pouco a pouco, os palhaços - junto com os circos – foram perdendo espaço para o cinema, a televisão, os videogames... A infância ficou mais curta e a ingenuidade virou um fator de risco!

Antes, nos divertíamos com os palhaços do circo e da TV, que ganhavam pouco, mas não negavam riso. Hoje, salários astronômicos são pagos para que gente risonha - que não tem graça nenhuma, mas se leva a sério – trate a audiência como um bando de “palhaços”...

Talvez essa seja a grande razão da decadência da grande arte de “Arrelia”: a maquiagem engraçada, as roupas esquisitas e o “non sense” deixaram as arenas dos circos para se integrarem ao cotidiano...

Mas rir ainda é – e continuará sendo – o melhor remédio!

Waldemar Seyssel, o último dos grandes palhaços brasileiros de sua geração, morreu aos 99 anos... Mas “Arrelia” não! Este continuará sempre: “Muito bem! Muito bem, bem, bem!” nos corações de todos os que aprenderam com ele a achar graça na vida... E não dela!

O OVO DA SERPENTE

(Mai./2005)

O fantástico cineasta sueco, Ingmar Bergman, procurou analisar a gênese do nazismo no filme "O Ovo da Serpente" (*Das Schlangenei*, 1979). Ali está a decadência econômica e a conseqüente degradação social: ingredientes básicos do desespero e matéria-prima com a qual líderes carismáticos de mente distorcida moldam e fomentam o ódio racial.

Vários historiadores apontam o Tratado de Versalhes como origem da II Grande Guerra: a Alemanha sofreu tantas sanções e restrições, que praticamente perdeu o controle de sua economia. A crise de 1929 agravou exponencialmente a situação.

Hitler foi origem ou conseqüência daquela conjuntura? Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

O fato é que Hitler aproveitou-se da crise dos anos 1930 para implantar seu modelo político totalitário e expansionista. Expandiu as fronteiras da Alemanha, com a desculpa da unificação germânica, para assegurar fontes de matéria-prima para a recuperação industrial de seu país. Poderia ter sido um dos maiores estadistas da história, como alguns historiadores ponderam; mas ele trazia consigo o "gene" da loucura. Recuperou o orgulho nacional, sem dúvida, ao exaltar os grandes personagens germânicos e propalar o ideal da supremacia ariana. Tornou a propaganda uma arma poderosa! Mas perseguiu intensiva e cruelmente todos os que se opunham aos seus projetos. Transformou crianças em máquinas de odiar e lutar, com sua "Juventude Hitlerista". Também não teve escrúpulos ao extrapolar seu ódio por pessoas para raças inteiras, tornando-se, assim, um dos maiores genocidas modernos. Conseguiu o poder supremo e tornou-se um símbolo inquestionável, superando sua inspiração inicial: Mussolini; igualando a "divindade" de outro de seus aliados: o imperador Hiroito; e selando uma paz oportuna com o seu maior rival: Stálin, outro grande genocida contemporâneo, só que de patrícios.

A anexação da Áustria foi o início; a invasão da Polônia, o estopim; a invasão dos Países Baixos, o princípio da derrocada da França, com linha Maginot e tudo mais; o desfile das tropas nazista em Paris, seu apogeu; a

Batalha da Inglaterra, o fim da "guerra relâmpago"; o massacre de judeus, ciganos e outras minorias, a principal marca de sua insanidade metódica; a abertura da frente russa, um erro napoleônico; a derrota no norte da África, um golpe na infalibilidade de seu maior líder militar: Rommel; e o desembarque aliado na Normandia, o princípio do fim. Hitler e todos os seus aliados foram derrotados incondicionalmente!

O Eixo protagonizou grandes massacres e também foi vítima de outros: o bombardeio de Dresden, as bombas de Hiroshima e Nagasaki...

O saldo do maior confronto bélico de todos os tempos incluiu a destruição de cidades inteiras e milhões de mortes de militares e inocentes. Não foi muito diferente da I Grande Guerra, mas, em meio a toda insanidade que caracteriza a guerra e seus protagonistas, teve uma virtude: os vencedores tiveram o cuidado de não repetir os mesmos erros de Versalhes, principalmente tentando evitar a incubação de novos "ovos de serpentes"!

Os ânimos foram apaziguados e a Europa e o Japão foram rapidamente reconstruídos, com o "auxílio" da sombra da Guerra Fria. Outro ponto positivo foi a decadência definitiva do colonialismo. O aspecto mais dúbio desse conflito, como de vários outros, foi que muitas das tecnologias desenvolvidas para exterminar serviram, mais tarde, ironicamente, para desenvolver curas. Mas, que ninguém use disso como argumento para exaltar qualquer guerra!

Mas ainda existem muitos "ovos de serpente" sendo postos pelo mundo: o ódio, a ganância e o fanatismo os fecundam, incubam e deixam nascer, para que espalhem seu veneno.

Somente diálogo e respeito ao próximo são vacinas e antídotos capazes de neutralizar seus efeitos! Mas isso depende, obviamente, do grau de conscientização dos povos e da sanidade e interesses dos poderosos da vez.

SENSACIONALISMO BARATO

(Mai./2005)

Até a década de 1960, ainda no tempo ingênuo e improvisado da TV brasileira, eram raríssimos os programas que abordavam temas sensacionalistas.

Sempre houve público para eles, mas existia certo comedimento dos apresentadores e pudor, dissimulado ou não, de quem assistia. Além disso, as emissoras ofereciam programações musicais, novelas, teatro, humor, jornalismo e uma série de outros itens, quase todos ao vivo, que propiciavam alternativas culturais atraentes.

O tempo passou e os meios de comunicação evoluíram tecnologicamente. Agora tem até TV digital! Mas o que se vê nas programações da maioria das emissoras é semelhante ao que se ouve nas rádios: muita sofisticação, nos equipamentos, mas baixíssima qualidade no que apresentam.

Apesar da grande variedade de emissoras de “canal aberto”, são poucas as opções de programação. E quase todas dispõem de, no mínimo, uma versão de programas considerados sensacionalistas ou "populares". Neles, pessoas aparentemente comuns “aceitam” expor seus problemas e mazelas. O que se vê, então, é a exploração sem limites de temas complexos, tratados de forma vulgarizada, sem nenhuma didática ou intenção edificante; e a sujeição de seres humanos a situações vexatórias, que têm como clímax, ansiosamente aguardado, ofensas e agressões. Seria risível, se não fosse grotesco e desumano!

As produções se aproveitam da fragilidade moral ou financeira de indivíduos; ou criam situações fictícias – armações, ciladas ou "reality shows" - para explorar, com baixo custo e nível, o desespero de uns ou o anseio de outros pelos 15 minutos (às vezes um pouco mais) de fama, não importa se boa ou má, profetizados por Andy Warhol.

O curioso é que a maioria dos expectadores desse tipo de programa espera exatamente isso! Torcem para que ocorram deslizes morais e atos de violência. Parece haver um prazer mórbido em assistir à degradação

humana. Tanto que, quando isso não ocorre, a reação é de frustração e, até, inconformismo! Nem os apresentadores escondem sua decepção!

De quem é a culpa? Das pessoas que “aceitam” participar; dos “âncoras-malas” que os apresentam, com ar de “credibilidade”; das equipes de produção, dos patrocinadores ou da direção das emissoras?

Não é de nenhum deles: é apenas e tão somente de quem assiste!

Quem acompanha uma novela ou série sabe, teoricamente, que aquilo é ficção! Mas quem assiste programas sensacionalistas – principalmente os que falam de traições, dolos e “pegadinhas” de mau-gosto – acredita ou parece crer que esses “espetáculos” de mau-caráter ou ridículo dos outros são reais! Talvez pense que está imune e acima dessa condição, mas, na verdade, só está exercitando o voyeurismo que, de certa forma, expressa desejos ocultos. Ao desejar que o pior aconteça, portanto, não está sendo melhor do que os “protagonistas” da encenação. Pior, torna-se cúmplice, embora travestido de juiz!

É... A “sociedade de consumo” também consome gente!

Além disso, é praticamente impossível acreditar na veracidade do que é mostrado por uma razão bastante simples e prática: a forma como as pessoas são expostas e, no limite, agredidas, é material mais do que suficiente para embasar processos por danos morais ou físicos, com indenizações vultosas, muito superiores a qualquer cachê ou doação pseudo-humanitária. Não faltariam advogados dispostos a prestar seus serviços para tanto!

Tudo, portanto, sugere um provável embuste, baseado nos piores instintos humanos de quem produz ou consome. É sensacionalismo barato que se nutre da pobreza de espírito e a estimula, com um custo moral exorbitante!

AMOR ALÉM DA VIDA

(Abr./2005)

Todo cinéfilo que se preza tem seus filmes favoritos. Isso não quer dizer que eles sejam uma unanimidade de público e crítica. Afinal, gosto não se discute!

Qual o motivo dessa preferência?

A resposta poderia ser um simples: "Porque sim!". Mas sempre há no mínimo uma boa razão para isso: o "dedo" do diretor, o carisma de um ator, um roteiro bem feito, uma cenografia que beira à perfeição, enfim, tudo aquilo que prova que um filme não precisa ser uma superprodução caríssima para cair no gosto do grande público ou dos "experts" e virar um "blockbuster" ou "cult".

Mas como se manifesta essa preferência?

Fácil: pela lembrança constante e vontade de vê-lo várias vezes, sem temor de enfado!

É o caso, para mim, do filme "Amor além da vida" (*When Dreams May Come*, EUA, 1998). A diferença é que eu só o havia visto uma vez, no cinema; mas isso não me impediu de ficar profundamente envolvido pelo roteiro e pela beleza das imagens.

A presença de Robin Willians, ator conhecido pelo que se convencionou chamar de superinterpretação - exageros verbais e gestuais -, colocava em dúvida o potencial romântico e dramático do filme. Annabella Sciorra também não tinha o apelo de uma "superstar" bonita e sensual. Havia, no entanto, Cuba Gooding Jr., um ator fantástico em qualquer estilo, e Max von Sidow, uma lenda do cinema sueco, que consegue dar realce e credibilidade a todos os seus personagens.

O resultado, em minha opinião, foi de uma felicidade notável, embora alguns o considerem tedioso. Mais uma vez: gosto não se discute!

A humanidade que os atores emprestam aos personagens se encaixa perfeitamente nos cenários impressionistas e impressionantes do filme. As paisagens – quadros convertidos em realidade – são de uma beleza improvável e indescritível. A biblioteca medieval é transcendental. O inferno de navios é de uma força arrebatadora. É como se Rembrandt, Renoir e

Dante Alighieri tivessem emprestado sua visão de paraíso e inferno à direção de arte do filme. Mas, não é apenas nos cenários que o filme se baseia: as situações, os diálogos e as interpretações são de uma riqueza humana que, apesar de momentos de extrema dramaticidade, nunca é piegas. As mensagens otimistas também soam naturais.

Fala-se do amor de almas gêmeas, de pais e filhos, de mestres e aprendizes, e de sentimentos puros, capazes de ultrapassar barreiras dadas como intransponíveis. Mostra-se que as aparências e preconceitos não existem para os que enxergam com a alma. Diz-se que o amor e o perdão são sentimentos tão poderosos, que podem ser infinitos e transformadores, no tempo e no espaço.

Existem ao menos três momentos em que reminiscências se unem a situações para gerar conclusões de irresistível poesia.

É um filme que mescla tristeza e alegria, e agonia e êxtase com equilíbrio e maestria raramente encontrados no cinema atual. “Pesa” quando é preciso, mas nos deixa leves, no final.

Merece ser visto mais de uma vez!

SILÊNCIO AGRADECIDO

(Ago./2004)

Conheci Arlete num domingo de 1988, numa missa.

Eu não estava habituado a freqüentar aquela igreja, pois morava em outro bairro; mas saíra para andar, pensar na vida, então dedicada quase que exclusivamente ao trabalho. Aí, de repente, eu estava ali, em busca um pouco de paz de espírito.

A igreja estava repleta, mas ela veio diretamente a mim: propôs que eu fizesse uma das leituras. Ela nunca soube o quanto aquilo foi importante para mim, naquele momento!

Após a celebração, fui procurá-la e perguntei se havia algo que eu pudesse fazer nas atividades da igreja. Com um calmo e natural refinamento, ela sugeriu que eu comparecesse ao templo na quarta-feira seguinte. Assim o fiz...

Lá chegando, ela me apresentou ao regente do coral da igreja. Tímido, fiz o teste vocal e passei a integrar o naipe de baixos do coral. Nesse mesmo grupo, ela era, perdoem-me as outras, a melhor soprano. Voz límpida... Um canto de anjo!

Algum tempo depois, o trabalho e o namoro firme não me permitiram mais participar dos ensaios e apresentações. Mas os preparativos para o casamento incluíam a escolha do repertório da cerimônia. Eu e Cecília, minha esposa e sempre namorada, conseguimos marcar data na Catedral local. Perguntei se poderia convidar o coral onde eu cantara, mas disseram que eles dispunham de um coral fixo, que deveria ser obrigatoriamente utilizado.

Fiquei um pouco frustrado, mas resolvemos assistir uma cerimônia, para conhecer o grupo vocal. Gostamos!

Terminada a cerimônia, já estávamos de saída, quando vimos Arlete aproximar-se, pela nave central da igreja. Surpresa: ela também integrava aquele coral!

Ato contínuo, perguntei se ela poderia cantar a “Ave Maria”, de Gounod, durante a benção de nossa cerimônia de casamento. Ela, humildemente, mas com o rosto iluminado, disse que teria o maior prazer

em cantá-la, mas o coral era especializado em outra “Ave Maria”, cujo solista era um tenor. Nós tínhamos ouvido a interpretação, mas insistimos para que ela aceitasse. Resolveríamos o que fosse necessário com a regente.

O resultado foi um dos mais belos momentos de nossas vidas, com os corações de todos os presentes tocados pela beleza divina de seu canto.

Se quem canta, ora duas vezes, Arlete já tinha uma linha direta e exclusiva com o céu!

A vida nos separou novamente, até que um dia fui convidado para fazer um teste num outro coral, especializado em música clássica. Menos nervoso e mais confiante, fui “promovido” a tenor. Para minha grata surpresa, reencontrei Arlete no naipe de sopranos.

Os horários dos ensaios, no entanto, só permitiam que nos encontrássemos nos dias de apresentação, infelizmente, nem tão freqüentes, pela falta de divulgação da cultura erudita.

Mais uma vez, os afazeres profissionais e outras obrigações fizeram com que eu abdicasse do prazer de cantar.

Hoje, minha esposa recebeu um telefonema de um ex-colega de coral, avisando que Arlete, repentinamente, falecera...

Arlete Patau Blandy: ascendência catalã de uma Espanha plena de vozes clássicas e marcantes. Voz perfeita, sem exageros ou egoísmos. Era uma interprete que se encantava e nos encantava com a música, e não consigo própria!

Sua voz encantadora se calou... Não consigo pensar em outra música que não a “Lacrimosa”, de Mozart, para expressar esse momento. Só que uma Ave Maria sempre traz mais esperança do que tristeza! Mas nada que cantemos terá a sua voz.

Então, que quando uma voz maravilhosa se cale, o mínimo que façamos seja render-lhe um respeitoso e agradecido silêncio, pois só assim será possível ouvir os ecos de seu canto, nos recantos de nossa alma!

PRIMEIROS ACORDES

(Ago./2004)

Estudei em escolas públicas até o antigo Colegial, hoje Ensino Médio.

Lembro de vários professores, por bons e maus motivos. Minha primeira professora, Dna. Olga, é a lembrança mais cara, sublimada pelo destemperado e rudeza das professoras seguintes. Estas últimas, aliás, quase me fizeram desistir dos estudos aos dez anos de idade. Mas existe uma professora que esteve dos dois lados desse maniqueísmo pré-adolescente. Seu nome: Édia, professora de música.

Eu a conheci aos doze anos, na sexta série do Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental. Eu vinha de uma quase idolatria por sua antecessora, Dna. Cida, pessoa extremamente liberal e simpática, e que tinha um carinho especial por mim.

A Prof. Édia era uma pessoa inegavelmente culta e de modos sofisticados, mas muito rígida. Pouco ou nada sorria. Em vez de apenas cantar - o que eu sempre gostei de fazer -, ela levava seu ofício a sério: ensinava solfejo, notas musicais, músicas folclóricas... Até a elaboração de pequenas composições, por nós, fazia parte de seu plano de ensino!

Antipatizei com ela à primeira vista. Sentava no fundo da classe, o que não era o meu habitual, pois eu considerava suas aulas enfadonhas e não me conformava com a perda da primeira professora. Como é normal nessa idade, associei o docente à matéria e passei a desgostar de música.

Num desses repentes de inconformismo, perguntei ao colega ao lado: "Para que a gente precisa aprender música?". Creio que eu já devia estar sendo tão repetitivo, pelo quê ele respondeu, em voz alta: "Pergunta pra ela, pô!". Não é preciso dizer que ela interrompeu a aula e quis saber o que estava havendo:

Meu "bom colega" foi bastante descritivo e colocou-me numa das piores situações da minha vida. A professora - vermelha de raiva, embora contida - passou a explicar, olho no olho, que o ensino de música em escolas públicas era uma oportunidade única de acesso democrático à cultura, o quê, de outra maneira, só seria possível às classes mais abastadas. Eu, lívido, concluí que minha "sentença de morte" estava decretada, talvez por

enforcamento com uma corda de piano. Mas não aprendi lição nenhuma, tanto que, dias depois, numa audição, perturbei tanto a aula, que Dna. Édia mandou-me sentar ao lado do piano. Inconsequente, eu azucrinei tanto a aluna que estava tocando, que a professora dispensou-me, junto com o anúncio público e solene de minha primeira nota bimestral: ZERO! O único zero de minha vida!

Aí eu caí na realidade e entrei em pânico!

Nas aulas seguintes Dna. Édia sempre tinha um olhar "especial" para mim: cirúrgico, sem anestesia. Meu caderno de música - de capa verde e branca, padrão Fename/MEC - foi execrado, por não ter capa de plástico; minha interpretação do Hino Nacional era observada com atenção silábica redobrada. No entanto, eu havia aprendido cada bemol e suspenso da lição!

Joguei o abjeto caderno fora e fiz um novo, bem encapado e cheio de desenhos temáticos e biografias de compositores. Bela pesquisa e produção caprichada! Voltei aos bancos da frente, pois sabia que era indispensável "enfrentar a fera" para reverter o quadro catastrófico que se delineava.

Fiquei, é verdade, com um misto de pavor e ódio por ela - muito mais pavor do que ódio -, e temia por uma inédita e inaceitável repetência. Mas minha mudança de atitude e interesse evidente foi deixando de ser um ato de desespero para se transformar num grande prazer pela música! Dna. Édia notou isso...

Um dia, eu estava no ponto de ônibus quando ela estacionou o carro e ofereceu carona para a escola. Recusei peremptoriamente! Mais tarde, na escola, ela chamou-me e disse que eu havia sido indelicado e que não deveria recusar novamente. Seu tom calmo e leve parecia selar um pacto de paz, que somado ao recém-retornado gosto musical abriu as portas para um novo mundo.

Graças a Dna. Édia eu assisti pela primeira vez, fascinado, um inesquecível concerto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, regida pelo saudoso Maestro Eleazar de Carvalho; e deleitei-me com uma audição da pianista Eudóxia de Barros. Passar direto, apesar daquele zero, foi uma conquista secundária em comparação com a imensa e definitiva lição que aprendi com ela: o amor pela música clássica!

Desde aquela época nunca mais a vi, mas nunca esqueci: nem do zero, nem desse despertar musical. Não aprendi a tocar nenhum

instrumento, mas me tornei um ouvinte cativo e um cantor lírico bissexto, mas esforçado.

Cara Dna. Édia: não sei se lhe devo este presente ou se o recebi como legado. Também não sei se minhas palavras são capazes de traduzir a sonoridade de meu reconhecimento e agradecimento por tanta beleza descortinada. De toda a forma peço-lhe, onde quer que esteja, que as receba como os primeiros acordes de uma obra-prima de Vivaldi, Mozart, Wagner ou Verdi.

LUZES! CÂMERA! HÁ SANGUE!

(Fev./2003)

Cena 1: Um samurai desempregado chega a uma cidade onde dois bandos disputam o poder. Ambos têm forças equilibradas e, volta e meia, se confrontam na rua principal onde, a uma distância segura, se ofendem e desafiam uns aos outros. No entanto, nunca entram em choque direto, numa alegoria à Guerra Fria. O samurai se torna, então, o fiel da balança, disputado pelas duas gangues. É emblemática a cena em que Toshiro Mifune, o protagonista do filme: “Yojimbo” (Japão, 1961), do alto de uma pequena torre, no meio da rua, observa o enfrentamento “platônico” dos bandos.

Cena 2: Todas as gangues de Nova Iorque estão reunidas no Central Park, convocadas para uma reunião misteriosa. O líder carismático da mais poderosa – autor do chamado - inicia seu discurso, comparando o poder dos bandos com o da polícia local e pregando a união de todos para dominar a cidade. Drogado e indiferente ao conteúdo do discurso, o líder de um dos grupos assassina o orador, pondo a culpa na gangue dos “Warriors”, de Long Island. Sem saber da falsa acusação - e da campanha codificada pela qual uma emissora de rádio, ligada ao líder morto, exorta todas as gangues a eliminá-los - eles empreendem uma odisséia ao seu “território”, subúrbio pobre, regada a socos ingleses, tacos de beisebol, canivetes, brigas em sanitários públicos e muito, muito sangue! Esta é a história contada no filme: “Selvagens da Noite” (*The Warriors*, EUA, 1979), que provocou violentas brigas entre gangues, em vários cinemas onde foi exibido.

Filmes sobre gangues são comuns e tiveram, ao longo dos anos, várias abordagens:

“Amor Sublime Amor” (*West Side Story*, EUA, 1961) é uma versão moderna, sensível e musical de “Romeu e Julieta”; “Gangues de Nova Iorque” (*Gangs of New York*, EUA, 2002), aborda o tema sob ponto de vista histórico e, por isso, distante (Será?).

O problema é que, sob a bandeira do “realismo” a qualquer custo, esses filmes têm perdido progressivamente suas características, digamos, edificantes.

Em “Anjos da Cara Suja” (*Angels With Dirty Faces*, EUA, 1938), James Cagney interpretava um mega-marginal, sanguinário e destemido, ídolo das crianças de seu bairro, que viam nele um exemplo a ser seguido. Preso e condenado à morte ele é visitado por um amigo de infância, agora padre (Pat O’Brien). Este lhe suplica que, ao menos na hora da morte, exorte os jovens a outro tipo de vida. Impávido e irônico, ele recusa a idéia. Sentia-se um herói e enfrentaria a morte com a mesma arrogância e cinismo com que havia vivido.

Na época era comum a transmissão de execuções pelo rádio e os meninos acompanhavam atentamente o locutor, que se admirava da atitude firme e resoluta do bandido, e do ódio e sarcasmo que transparecia. Subitamente, acometido de uma crise de consciência, fruto das palavras do amigo, o bandido simula teatralmente uma crise de covardia, chorando e implorando pela vida. E morre assim...

Frustrados pela “fraqueza” demonstrada pelo ex-herói, os jovens se desencantam da marginalidade sob os olhos de um aliviado e reconhecido padre.

Resumo da ópera: sempre houve violência, que sempre influenciou nossa juventude, sobretudo a menos abastada, por falta de opção; embora encontre versões “sofisticadas” em meio às elites, por “diversão”. O que mudou é maneira como ela vem sendo abordada pela mídia. Justificado no “realismo”, o cinema passou do combate à neutralidade e, depois, quase inconscientemente, à apologia, muitas vezes dissimulada nos chamados “filmes-denúncia” ou “filmes de arte”.

No Brasil, principalmente, essa “escola” frequentemente recorre à violência, à degradação moral e social, e à sensualidade vulgar e gratuita para atingir, com baixo investimento financeiro, o mercado internacional.

As reações dos espectadores externos são previsíveis: esse público, ao mesmo tempo em que se choca com as cenas, sente-se confortado por sua suposta “superioridade social”. Para essa assistência de “primeiro mundo”, normalmente mal-informada do que se passa no Hemisfério Sul, o

Brasil e os brasileiros são julgados por esse tipo de publicidade. Quem mora ou já morou no exterior sabe do que estou falando.

Um filme de Hollywood sobre violência é um produto da indústria cinematográfica, entretenimento. Um filme sobre violência do Brasil é “um retrato da fraqueza moral e da corrupção do país”.

Dizem que o cineasta Oliver Stone, depois de ver “Cidade de Deus”, teria afirmado que um país onde aquilo acontecia não merecia ser chamado de democracia. Alguém, por acaso, já o levou para fazer “city tour” nos subúrbios de Nova Iorque, Chicago, Washington ou Los Angeles? Um país que financiou ditaduras sangrentas e que faz guerras para equilibrar sua economia interna e garantir controle sobre suprimentos de petróleo é uma democracia?

E daí? Isso quer dizer que não devemos produzir filmes que retratem ou exponham nossas mazelas? Censura? Longe disso.

A violência, a corrupção e o tráfico de drogas já são amplamente conhecidos pela maioria da sociedade brasileira. Sádica, masoquista ou “voyeurista” ela assiste diariamente programas policiais, que exploram até as últimas consequências os aspectos mais sórdidos da miséria humana, sob a desculpa de bem informar e prevenir.

Sem falso moralismo, um “filme-denúncia”, nesse caso, soa oportunista. Afinal, o que mais pode fazer um cidadão comum além de cobrar providências das autoridades? Estas, sim, conhecem - com detalhes e há muito tempo - todos esses problemas, e têm meios e recursos para solucioná-los.

Não se questiona a qualidade técnica dos filmes, nem o direito à liberdade de criação e expressão; mas temo que, no afã de criar novas linguagens cinematográficas, muitos cineastas se deslumbrem com perspectivas profissionais fantasiadas, desconsiderando as consequências de sua obra, ou se realmente estão contribuindo, como alegam, para um processo de resgate social (lembram de “Pixote”?). Em muitos casos, seus filmes acabam despertando mais medos, preconceitos e paixões do que serenidade, discernimento e objetividade, condições indispensáveis à solução dos problemas que denunciam.

Gostaria, sinceramente, de ver a criatividade de nossos cineastas gerar menos produtos para execração xenófoba festiva, que têm como subproduto a destruição de qualquer vestígio de orgulho nacional, e mais

empenhada na criação de uma nova onda: a do “filme-proposta”, onde, em vez de apenas denunciar, com realismo cru, estimulem a “volta por cima” e a esperança operosa do sonho coletivo, que pode se transformar em realidade em nós mesmos e onde vivemos.

TROPA DE ELITE

(Nov./2007)

O filme "Tropa de Elite" é terrível: um soco no fígado mais dolorido do que o "oscarizado" *Traffic* (EUA, 2000).

Ele é nauseante, frenético, um dos melhores filmes de ação que já vi! Um dos melhores filmes nacionais que já assisti!

Há momentos em que a gente não quer ver mais nada, mas, ao mesmo tempo, é impossível não ser absorvido pelo roteiro, pela agilidade da câmera, pelas interpretações excepcionalmente convincentes dos atores. E que safra maravilhosa, a começar por Wagner Moura!

Todo o universo do tráfico está lá: quem vende; quem compra; quem se vende e os poucos que de fato o combatem.

Ele mostra como a juventude pode ser facilmente aliciada pelo tráfico; o ridículo dos que usam drogas como uma forma de enfrentar o sistema, quando é desse tipo de alienação que ele se nutre e prolifera. Afinal, a juventude destruída não ameaça o "status quo".

O pior é que a introdução ao vício normalmente é feita por "amigos", que geralmente "sobrevivem", enquanto os que recebem essa "amizade" descem aos sete infernos. Começa com o cigarro, em seguida vem o álcool e, depois, ladeira abaixo.

Em outro vértice desse polígono de dominação perversa, o filme estigmatiza a polícia comum, que é apresentada de forma deprimente: mal aparelhada, mal remunerada, mal gerida. Isso é condição, tradição ou projeto?

Contra tudo isso, o filme mostra um BOPE carioca implacável, extremamente violento, como a ROTA paulista de outrora. Isso preocupa quando pensamos em tal poder nas mãos erradas. Mas de que outra maneira é possível enfrentar alucinados cruéis e sanguinários; mentes distorcidas que aliciam, viciam e iniciam crianças e adolescentes no crime?

Nesse sentido, mais do que a repressão violenta ao crime, o que assusta é saber que políticos se associam ao tráfico para financiar suas campanhas; que corruptos nos esbofeteiam e sufocam diariamente, com

suas práticas nefastas e continuadas; que leis penais frouxas permitem a proliferação do crime organizado em todos os níveis.

Se existem soluções radicais é porque as causas não foram combatidas no tempo devido e por quem de dever, muito mais que de direito. Por isso viraram epidemias! Nesse contexto, o BOPE não é mostrado como cura, mas remédio que elimina a doença junto com o doente: único temor e terror dos marginais fora de seu círculo multiplamente vicioso. Sem ele os marginais teriam medo de quê?

O BOPE mostrado é uma consequência de políticas públicas mal elaboradas ou mal implementadas; de pais que fecham os olhos para os passos de seus filhos; e de jovens que confundem liberdade com estupidez.

Por tudo isso, se a “Tropa de Elite” carioca é como no filme, vale perguntar, embora ainda chocado com as cenas: qual é a alternativa imediata e efetiva para tornar esse modelo repressor desnecessário?

Longe de atribuir-lhe ares quixotescos, o fato é que esse tipo de policial parece estar só numa guerra que afeta todos nós.

É por isso que “Tropa de Elite” incomoda, mas é imperdível!

DR. HYDE E A INTERNET

(Mai./2004)

O correio é um meio de comunicação indispensável!

Sua história passa por corredores, toques de tambor, sinais de fumaça, cavaleiros em disparada, pombos, veículos automotores... E o principal desafio sempre foi o mesmo: assegurar integridade e velocidade de entrega. No âmbito da qualidade, o envio pelos sistemas convencionais implica em volumes especiais, protegidos contra danos físicos, registrados, expressos...

Qualquer que seja o caso, o Brasil está bem servido, tanto pela ECT, como por empresas particulares. Mas, afora os aspectos técnicos, é sempre um prazer receber uma correspondência! Mesmo as propagandas institucionais e malas-diretas, impessoais por natureza, têm seus atrativos.

Prospectos ou volumes de tamanhos variados? Não tem problema! Ainda que não caibam na caixa de correio, a cortesia do carteiro, ou a presteza do entregador motorizado impedem que elas bloqueiem o recebimento de outras. Finalmente, se não tiverem utilidade, basta descartá-las, de preferência para reciclagem. O único ponto negativo é o mau uso do recurso: cartas-bomba, venenos, correntes, "pirâmides"... Mesmo assim, tem quem goste... Principalmente de enviar!

Tudo muito bom... Tudo muito bem... Aí, inventaram o correio eletrônico: fantástico recurso!

Os caminhos foram encurtados e a qualidade da informação é praticamente ilimitada. Podemos fazer transferências de valores, enviar e receber contratos, projetos, textos, imagens, filmes, música... "Tudo de bom"! Tanto que, atualmente, não há como dispensar esse veículo. Mas, sempre há alguém disposto a desvirtuar algo útil, transformando-o num incômodo, maior na Internet do que no correio convencional. Às vezes a intenção é boa, mas perde-se a noção de limite. É o caso das mensagens de paz e auto-ajuda, e das orações e correntes que infernizam a vida dos destinatários, entupindo suas "caixas de entrada", desafiando os mais potentes e atualizados antivírus e bloqueios de remetentes. Todos os recursos estão lá: imagens angelicais, animações "engraçadinhas", papel de

fundo, músicas, vozes de locutores famosos, textos tristes ou alegres, quase sempre cópias de trechos da Bíblia ou de autores conhecidos. Só não tem a opção de remover da lista! À primeira vista, parece que são enviadas por pessoas de espírito positivo, interessadas em disseminar paz e felicidade, preocupadas com o próximo ou, simplesmente, fazendo terapia ocupacional. Também dão a impressão de aplicarem todo o seu tempo ocioso - que parece muito - nessa "empreitada". Mas depois de algum tempo, tanta "bondade" e lentidão no sistema começam a incomodar. Então, você pede educadamente que seu e-mail seja removido da lista ou que mandem somente textos... E nada! Pede pela segunda, terceira vez... E nada! Então você aumenta o tamanho da fonte, usa negrito ou uma cor chamativa, e acrescenta alguns pontos de exclamação no final do pedido...

Surpresa: o simpático e bondoso Dr. Jekyll transforma-se no terrível e intempestivo Dr. Hyde, cheio de ódio, rancor e indignação! Afirma que não lhe conhece, ameaça enviar vírus - se é que já não mandou - e outros tipos de retaliações. O bonito fica feio e até a tela do computador fica corada!

Faço "mea culpa", pois também já tive uma lista enorme de destinatários. Hoje, no entanto, minha mala-direta está restrita a veículos de comunicação e alguns destinatários particulares. Mesmo assim, basta que solicitem a remoção, que o faço prontamente, de bom grado.

Caso você esteja no rol dos adeptos de boa-fé dessa prática, vai uma sugestão: que tal, em vez de enviar mensagens enormes e não-solicitadas, montar uma página em sítios gratuitos e colocá-las lá? Depois, envie um convite para que a visitem, por meio de um "link"!

Creia: essa fórmula é muito mais eficiente e menos estressante que a do Dr. Hyde!

DIREÇÃO PATÉTICA

(Nov./2003)

Creio que a maioria deve lembrar um desenho da Disney no qual o Pateta era um pacato cidadão que, ao sentar-se ao volante de um automóvel, transformava-se num autêntico demônio: agressivo e explosivo, capaz de atitudes tão imprevisíveis quanto temerárias. É uma das melhores e mais realistas sínteses de comportamento humano contemporâneo que já vi, apesar do tom irônico da narrativa e das próprias características do personagem.

É certo que somos um emaranhado de instintos e sentimentos que tentam conviver com um mínimo de equilíbrio entre a emoção e a razão. Não fosse isso, talvez ainda estivéssemos na Idade da Pedra. Mas o mecanismo do relacionamento ser humano x máquina ainda é um mistério que desafia especialistas.

Na maioria dos casos, não é fácil identificar o motivo dessa agressividade. Talvez seja uma reação orgânica ligada a um sensível aumento de adrenalina no organismo. Mas, alguns espécimes, em vez de exercitar o autocontrole, testam, perigosamente, limites. Assim, a maneira como dirigem seus veículos poderia ser qualificada como intempestiva. Eles pensam que são bons motoristas, com suas ultrapassagens arriscadas, fechadas gratuitas, costuradas, proximidade excessiva e desafiadora, arranques ruidosos e freadas abruptas; mas só não provocam mais acidentes graças aos que antecipam suas barbaridades.

Uma vez, viajei com um conhecido que tinha um Jaguar. Ao ver que ele conduzia o veículo com velocidade bem acima da permitida para a rodovia, perguntei-lhe se não temia algum problema, como multas, por exemplo. Para minha surpresa, ele respondeu que aquele carro era um sonho antigo, que não tinha preço!

O curioso é que esse tipo de conduta é característica de uma libido mal resolvida ou de uma adolescência mal orientada. Aliás, é nessa fase que os menos estruturados adquirem a maioria dos vícios e consolidam seu mau caráter ou sua falta de. Para os homens, principalmente, a posse de um carro é quase um símbolo de virilidade. Em casos extremos, há os que medem sua

"capacidade intelectual", "coragem" e sexualidade pela quantidade de cavalos do motor. Antes, pertenciam à "juventude transviada"; hoje, são "velozes e furiosos". No fundo, são pessoas inseguras, com sérios problemas de auto-afirmação.

Grande parte da culpa cabe aos pais, que entregam "máquinas" possantes nas mãos de filhos que não sabem educar, transformando-os em assassinos em potencial: inconseqüentes e sem nenhum respeito pelo próximo. Acreditam, com sua condução "intrépida" e "rachas" irresponsáveis, serem novos "Ayrton Senna", só que protegidos das conseqüências de seus atos por "gordas" contas bancárias, que financiam impunidade e corrupção. O original, pelo menos, corria no lugar certo e quando ultrapassou seu limite morreu só, sem causar a morte ou invalidez de ninguém. Pelo contrário, ainda deixou uma fundação que ajuda a salvar vidas!

Felizmente, para alguns essa fase passa quando chegam à fase adulta. Mas para outros ela perdura pela vida inteira, com sequelas irremediáveis para inocentes.

Agora, imaginem quando essa simbiose: humano x máquina, complexa e "química" por princípio, é "aditivada" com drogas e álcool, qualquer que seja a idade? Os cavalos do motor, o "quadrúpede" ao volante e combustível de alta octanagem abastecendo ambos... É nitroglicerina pura!

Só que as estatísticas mostram que as vítimas dos que se excedem na forma de dirigir, associada ou não ao consumo de álcool e substâncias entorpecentes, sejam eles "mauricinhos" mal-educados, "brucutus" socialmente deslocados ou pacatos cidadãos temporariamente "possuídos", quando não morrem sobrevivem de forma dramática e traumática aos acidentes por eles provocados.

Vidas ceifadas, vidas truncadas, imitações de vida e limitações de vida... Tudo por conta de um "estilo de vida"!

Nosso trânsito, que já era caótico e estressante, agora é, também, "patético", com duplo sentido!

Não sou, em princípio, adepto de "terapias de choque", mas creio que a obtenção e renovação das licenças de motoristas deveriam ser precedidas de uma seção de fotos, documentários e dados estatísticos sobre acidentes de trânsito e suas vítimas. Talvez assim, conhecendo os efeitos, antes, refrearemos as causas.

MIDAS E MECENAS

(Mai./2003)

Ambos eram nobres, míticos ou reais, e seus nomes são lembrados até hoje:

Mecenas virou sinônimo de incentivador das artes, enquanto o “toque de Midas” caracteriza aqueles que conseguem transformar o que tocam no “ouro” do sucesso. Entretanto, o dom concedido pelos deuses gregos a Midas transformou-se em castigo, pois, embora acumulasse riquezas infindas, não podia amar ou se alimentar, afinal, tudo o que tocava virava ouro!

A riqueza material, conquistada ou herdada, não é, portanto, garantia de felicidade se não vier acompanhada de elevação de espírito. Também é verdade ela pode provocar inveja e instabilidade social, comprometendo a felicidade de todos. Prova disso são os enormes gastos pessoais e governamentais com segurança.

O remédio, tanto nos tempos antigos como nos atuais, é humanizar a riqueza, dividindo um pouco do que nos sobra com quem nada tem, dando-lhes motivação, esperança e oportunidade de desenvolverem seu potencial em prol da sociedade.

O governo deve fazer sua parte mediante atividades diretas ou oferecendo incentivos fiscais aos que investem em projetos sociais, culturais e esportivos. Muitos empresários têm correspondido a essas expectativas, financiando atividades de inserção social e revelação de talentos, principalmente na área esportiva, que tem maior alcance mercadológico.

Mas, e a cultura?

É certo que é mais fácil obter retorno publicitário financiando grandes espetáculos com artistas famosos, em teatros confortáveis, e cobrando ingressos incompatíveis com o poder aquisitivo da maioria da população. Isto, no entanto, conduz ao distanciamento do povo da cultura erudita.

No caso da música clássica - que um dia já foi popular - a situação é agravada por protocolos rígidos e pelas atitudes elitistas de alguns “cultos” e

“estrelas”, que com seus estereótipos e arrogância em nada contribuem para a popularização da grande arte, com mútuos benefícios.

Mas isto está mudando: governos e empresários estão despertando para a necessidade de garantir mais do que alimentação, trabalho, saúde e educação a todos, como forma de assegurar estabilidade social e desenvolvimento.

A fome do povo não é apenas de comida, mas também de cultura. Mas, se não faltam projetos, falta o inestimável apoio para socializar seus benefícios.

Não seria maravilhoso se orquestras e corais pudessem se apresentar regularmente e levar as obras dos grandes compositores clássicos e populares até as escolas, clubes e todos os locais onde elas proporcionassem a mesma emoção e prazer?

Essa não é e não deve ser uma tarefa solitária! Ela precisa do apoio de mecenas, que com seus “toques de Midas” levem o ouro da cultura ao coração do povo e, assim, alimentem, também, sua alma.

É como diz a música dos Titãs: “Diversão e arte, para qualquer parte!”.

ELIS: NOSSOS ÍDOLOS AINDA SÃO OS MESMOS

(Mar./2005)

No roteiro de um dos últimos shows de Elis Regina havia a frase: “Agora, eu sou uma estrela!”. Texto premonitório digno dessa gaúcha que brilhou intensamente na cena musical brasileira, mas que poderia ter brilhado ainda mais e por mais tempo.

Gostaria de ver a “Pimentinha” hoje, com o mesmo esplendor maduro que vi em Elizeth Cardoso: a “Divina”, do alto de seus sessenta e tantos anos: sempre atualizada e inovadora; nunca perdida no tempo. Seria, com certeza, vinho da mesma estirpe nobre!

Poucos intérpretes podem ser comparados a Elis Regina: precoce, ousada, intempestiva e visceral. Na sua voz e interpretação nada era vulgar!

Com menos de vinte anos já participava de festivais, “nadando” num “Arrastão”. Por volta dos vinte apresentava “O Fino da Bossa”, nos bons tempos da TV Record, ao lado de Jair Rodrigues, o “Cachorrão”, e do “Zimbo Trio”, com os quais protagonizou um dos momentos culminantes da MPB: um pot-pourri antológico, registrado no disco “Dois na Bossa”, um dos mais vendidos de todos os tempos.

Elis cantou Chocolate: “Quem descerrar a cortina da vida da bailarina...”; Chico: “Quando olhastes bem nos olhos meus, e o teu olhar era de adeus.”; Tom: “É pau, é pedra...”. Impulsionou a carreira de Milton Nascimento: “A primeira Coca-Cola foi, me lembro bem agora, nas asas da Panair.”; Ivan Lins: “Ó Madalena! O meu peito percebeu...”; Belchior: “Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais.”; Zé Rodrix: “Eu quero uma casa no campo...”; Renato Teixeira: “É de sonho e de pó, o destino de um só...”; João Bosco: “Caía a tarde feita um viaduto...”. Esteve ao lado de Rita Lee em momentos difíceis: “Sou mais ardida que pimenta!”. Deu até “Gracias a la vida!”, por Violeta Parra e Mercedes Sosa! Mas não soube se agarrar a ela tanto quanto deveria. Esqueceu que “viver é melhor que sonhar”! Partiu cedo demais... Que droga!

Depois de sua morte, pouco foi acrescentado à música brasileira. Para os que apreciam qualidade “os ídolos ainda são os mesmos”, com poucas inclusões. Tim Maia, Djavan, Fafá de Belém, Simone, Oswaldo Montenegro,

Legião Urbana, Titãs, Marisa Monte, Zeca Baleiro e Ivete Sangalo são algumas das honrosas exceções, num universo em que modismos fabricados ditam as regras.

São raros os intérpretes que sabem cantar, mas muitos os que apelam para sensualidade vulgar, exotismos grotescos ou apologia da marginalidade e drogas. Os músicos são substituídos por aparelhagens potentes e caras, mas que quase sempre são usadas para repetir uma mesma batida: monótona, ensurdecidora e enervante, às vezes tudo junto.

O pior é que várias gravadoras investem alto em ritmos e intérpretes descartáveis, às vezes travestidos de críticos do “sistema” ou “revolucionários”. Só que na década de 1960 – tempo em que “o bicho pegava” -, quem fazia música de protesto era Chico, Vandrê... Hoje, dá vontade de protestar, sim! Mas contra a programação da maioria das rádios FM e programas de auditório. Antes, as músicas emocionavam. Hoje, dão vontade de chorar... De raiva!

Não dá para saber se as pessoas ouvem e compram isso por gosto, convicção, condicionamento psicológico ou por absoluta falta de opção.

Até algumas décadas a música brasileira pulsava! Hoje, vive de espasmos...

Pois é... Tudo isso só faz aumentar ainda mais a saudade de Elis.

Não é que eu ame o passado e não veja “que o novo sempre vem”; mas seria muito bom se esse “novo” tivesse um mínimo de qualidade de quem compõe e interpreta, mesmo sabendo “que nada será como antes...”.

ESPERANÇA DE ÓCULOS

(Fev./2003)

Existe um menino no prédio onde trabalho, que tinha um problema ortopédico: seus pés eram totalmente voltados para os lados, o que prejudicava sua locomoção. Outro dia o vi caminhando pela rua e notei algo diferente: ele ainda caminhava com alguma dificuldade, mas seus pés portavam botas especiais e apresentavam sensível melhora de alinhamento.

A primeira coisa que me veio à mente foi a música “Casa no Campo”, de Zé Rodrix, imortalizada na voz de Elis, onde ele afirmava: “Eu quero a esperança de óculos!”. Logo em seguida, lembrei de inúmeras evoluções da medicina, fisioterapia, engenharia e tantas outras especialidades, que permitiram a cura ou melhoria de qualidade de vida de pessoas portadoras de doenças ou de sequelas de acidentes.

Hoje, além da esperança de óculos, temos várias outras: da cirurgia de correção de miopia e catarata, das vacinas, da reconstituição e alongamento ósseo, das cirurgias plásticas para correção de defeitos congênitos ou oriundos de acidentes, das terapias contra o câncer, reprodução humana, tratamentos a base de hormônios, enfim, toda uma série de evoluções e descobertas que nos permitem enxergar, com ou sem óculos, um futuro mais digno e saudável. Nesse universo, a genética é a área mais polêmica!

O estudo do genoma humano e a busca de compreensão dos mecanismos orgânicos e psicológicos engendram paixão e repulsa, na mesma medida. Não é à toa, pois seu objeto é a origem da vida humana: os embriões!

As discussões são tão abrangentes quanto profundas. Ciência, ética, religião, política e direito buscam uma forma de equacionar suas divergências bem longe dos radicalismos de outrora. Mas isso não reduz o valor e o calor dos argumentos de todas as partes.

A questão das pesquisas com células-tronco é, sem dúvida alguma, a mais complexa da atualidade! Os que as defendem afirmam – e demonstram - que elas trarão solução para várias doenças graves, tais como: Mal de Alzheimer, Doença de Parkinson, câncer... O que propõem não é a produção

de aberrações, mas a correção de anomalias. Já os que as criticam temem que a origem da vida seja reduzida à condição de matéria-prima para a produção de clones, super-raças, ou que se preste à manipulação do poder econômico, como já ocorre com os transplantes de órgãos. O temor, justificado, é de que alguns seres humanos passem a brincar de deus! E há exemplos suficientes de megalomania e estupidez no mundo - históricos ou contemporâneos; dados por cientistas, investidores e políticos -, para acreditarmos nessa possibilidade.

A discussão é, principalmente, ética, mas num universo em que muitos vivem e lucram com a doença, acenar com possibilidades da cura definitiva ou da melhora de qualidade de vida é um ato quase divino, no bom sentido.

Qualquer que seja a conclusão desse debate, nada e ninguém impedirá que essas e outras pesquisas prossigam. Afinal, o que chega ao conhecimento público é, quando muito, a “ponta do iceberg” científico-tecnológico.

O grande desafio do ser humano – o mesmo desde os tempos da Torre de Babel – continuará a ser, não o de brincar de divindade, como o Dr. Moreau, de H. G. Wells; mas o de ser, efetivamente, um instrumento de Deus para a evolução da humanidade. Para tanto, é preciso ter “a esperança de óculos” e acreditar na inteligência, sabedoria e capacidade de seus “filhos de cuca legal”!

FILME DE TERROR?

(Fev./2003)

Indivíduos que se consideram superiores reúnem-se para definir o destino dos que, iludidos, desconhecem suas reais intenções. Nas reuniões às claras eles desfilam uma retórica incongruente com seus atos, e uma austeridade incompatível com suas posses. Parecem pessoas ilustradas e bem-intencionadas, mas nos encontros secretos são extremamente ladinas e vorazes, em busca de proveito próprio. Crêem-se membros de uma aristocracia moderna e vivem de criar benefícios para si, sustentados por pesados e múltiplos impostos para os outros. A justiça divina não os perturba; a justiça secular não os atinge, sabe-se lá por quê...

Parece um conto de Edgard Allan Poe?

A população é assolada por seres que vivem do sangue do povo. Eles não se enxergam nos espelhos, e vivem rodeados de mortos-vivos, que cumprem cegamente suas ordens.

São como vampiros modernos, pois não temem a luz do sol frequentam igrejas, sem medo de água-benta e crucifixos. Alguns até criam suas próprias, como forma de obter auto-indulgência. Não temem réstias. Muitos, aliás, adoram comida francesa, de preferência saboreada lá. Também não temem estacas de madeira, pois a “cara-de-pau” lhes é comum. Os incautos que inocentemente lhes abriram as portas e os deixaram entrar são “vendidos” e obrigados a cavar as próprias sepulturas.

Seria uma nova versão do “Drácula”, de Bram Stoker?

Insaciáveis, legam sua herança macabra a “escolhidos”, construídos com pedaços de si próprios ou de lendas mal contadas, aos quais dão vida e cobram obediência e tributo eterno. Só que eles não têm aparência assustadora, pois a cirurgia evoluiu muito desde o Século XIX, embora continuem levando pânico às populações indefesas.

Mary Shelley guardava algum manuscrito secreto de uma nova versão de “Frankenstein”?

Esses “escolhidos” tornam seus mestres imortais, pois vivem de suscitar e ressuscitar, sempre que se sentem ameaçados.

Sinopse de um filme de vodu?

Às vezes eles chegam como se viessem de outro planeta, de uma civilização superior, capaz de mudar as coisas. Mas pouco depois iniciam uma escalada de destruição, cruéis e insensíveis.

H. G. Wells e “A Guerra dos Mundos”?

Se não destroem, tentam corromper oferecendo a realização de sonhos em troca de submissão contínua e absoluta.

Um excerto do “Fausto”, de Goethe?

Sentindo-se acorrentada e impotente, a vítima é assediada por aves de rapina, que consomem seu “fígado” cada vez que ele se recompõe do ataque anterior.

Estamos diante de uma releitura de “Prometeu Acorrentado”?

São mutantes! Assumem várias personalidades e formas: fantasmas, sanguessugas, pragas de gafanhotos, infestação de vermes, espíritos malignos, que consomem a paz, a carne e a vida de inocentes.

Seria um novo “best-seller” de Stephen King?

Só que sua atuação afeta um público que não vêem, e quase nunca os vê. Sendo assim, não se abatem ou temem vaias. O aplauso dos parentes, amigos e sequazes lhes basta, embora quem pague os “ingressos” que os mantêm e enriquecem seja o povo, que nunca é convidado para a festa.

Mas o que é isso, afinal? Seria um filme de Roger Corman ou da Hammer, estrelado por Boris Karloff, Bela Lugosi, Lon Chaney Jr., Christopher Lee, Peter Cushing, Ida Lupino ou Vincent Price, daqueles que tiravam apenas uma noite de sono de crianças e adolescentes?

Não!

Olhando bem, está mais com “cara” de mais um dia na vida dos brasileiros honestos: as vítimas, bem entendido!

A FAMÍLIA TRAPO

(Nov./2004)

Há quase uma unanimidade entre atores, por isso mesmo, longe de ser “burra”: fazer rir é um dos ramos mais difíceis e complexos da arte dramática!

É fácil encontrar atores que nos façam rir de raiva ou do ridículo de suas atuações, mas um verdadeiro comediante, daqueles que são capazes de desarmar qualquer espírito carrancudo com um simples olhar? Ah, esses são muito raros!

Piadas e esquetes rápidos tem sido uma fórmula eficiente e repetida em vários programas televisivos. Heranças dos tempos do teatro de revista, ainda usam e abusam de malícia, sensualidade, tipos esdrúxulos e comentários preconceituosos para fazer rir. Mas são raros os programas que se aventuram a contar uma história contínua, com os mesmos personagens, num mesmo cenário e, sobretudo, ao vivo!

"A Grande Família", versões 1970 e 2000, e "Sai de Baixo" - para citar alguns dos casos mais bem sucedidos - eram e são gravados. "Sai de Baixo" tinha a virtude de ser encenado com público. Isso não impediu shows de atuação de Miguel Falabella, Marisa Orth, Luís Gustavo, Marco Nanini, Marietta Severo, do saudoso Rogério Cardoso e do magnífico Jorge Dória, entre outros. Mas existe um programa inesquecível, que, ao menos em minha opinião, nunca foi sobrepujado: "A Família Trapo".

Exibido entre o final da década de 1960 e o início da de 1970, nas noites de sábados, ao vivo, "A Família Trapo" reunia um elenco tão estelar como curioso: Otelo Zelsoni era Pepino, o pai, com seu bordão: "Pernachia!"; Renata Fronzi, era a mãe, Helena; Jô Soares, fazia Gordon, o mordomo. Seu nome já era um achado! Além disso, era invariavelmente surrado nas nádegas, por Pepino. Para completar, Cidinha Campos, a filha (parecia Brenda Vaccaro!); Ricardo Corte Real, o filho, adolescente desajeitado e incompreendido; Sônia Ribeiro, a criada; e o fantástico Ronald Golias, como o cunhado, Carlo Bronco Dinossauro.

Zelsoni, Renata, Jô e Golias já eram comediantes consagrados, todos em excelente forma; mas a presença de Sônia Ribeiro, esposa de Blota

Júnior, apresentadora sofisticada, culta e de voz perfeita – presença obrigatória em todos principais programas da TV Record -, como serviço submissa já era impagável, pelo simples fato do papel nada ter a ver com ela!

Jô e Carlos Alberto de Nóbrega escreviam os roteiros, e Golias tinha total liberdade para "pintar e bordar". Para melhorar, a Record vivia seu apogeu, com os festivais e programas como: "Jovem Guarda", "O Fino da Bossa", "Hebe" e muitos outros; o que garantia participações especiais em quase todos os episódios da comédia.

Se, hoje, os erros de gravação podem ser mais engraçados do que a intenção original, na época os "cacos" corriam soltos e foram responsáveis por momentos memoráveis da televisão brasileira. Um deles foi o dia em que Pelé foi chamado para reforçar o "time" em que Gordon era goleiro, e Bronco, centro-avante. Bronco não havia sido consultado e, enciumado, resolveu testar as habilidades do novo jogador, na cobrança de pênaltis:

Quando Pelé, na primeira cobrança, deu sua tradicional "paradinha", Bronco gritou, em tom de desfeita: "Assim você cai!". Na segunda cobrança, Gordon aparou, primeiro, e, depois, desabando seus mais de cem quilos no palco, praticou uma sensacional e imprevisível defesa, sob aplausos e risos da platéia!

Infelizmente, esse foi um dos poucos episódios da série salvos dos incêndios nos teatros da Record.

Bons tempos! Já tentaram imitá-los - inclusive o próprio Golias -, mas também foram únicos!

Daquela trupe, apenas Sônia Ribeiro e Zeloni nos deixaram, precocemente. Cidinha Campos abraçou a carreira jornalística e virou política; Ricardo Côrte Real enveredou pelo ramo publicitário; Renata Fronzi continua uma figura marcante, embora bissexta na telinha; Golias permanece incansável, sempre cunhado; e Jô desfila seu humor e cultura nos fins de noite, de segunda à sexta... Mas não consigo dissociá-los dos personagens de "A Família Trapo"!

Talvez porque eu era criança... Talvez porque rir faz bem... Talvez porque o programa era, simplesmente, danado de bom...

Com certeza, por tudo isso!

MOINHOS DE VENTO

(Set./2004)

Don Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, imortalizado por Cervantes, tornou-se o protótipo daqueles que lutam contra “moinhos de vento”, leais defensores de utopias e valores que estão se perdendo, ou já se perderam.

Como ele ainda existem muitos, que insistem em lutar contra marés e ventos, e provar que o ser humano não é apenas uma gota d’água no mar da mediocridade, mas um oceano na gota d’água da virtude.

A fragilidade e anacronismo de suas aparências e atitudes escondem uma infinita e incansável força de espírito, pois não é fácil remar contra a correnteza, enfrentar tornados e sobreviver às avalanches, em nome de ideais e sonhos.

Suas lutas podem parecer inglórias e temerárias, pois estão sempre em menor número. Suas armas aparentam não servir mais para o combate moderno, pois: honestidade, coerência e discernimento não são páreos para corrupção, malícia e violência, que ponteiaram e são celebradas pela sociedade. Mas nem por isso eles esmorecem ou se rendem. Pelo contrário, prosseguem sua saga por entre obstáculos que são renovados e multiplicados, para protegerem os castelos da farsa, da cobiça e da tirania.

Muitos questionam porque não aceitam as facilidades oferecidas e a conjunção de forças: seria tão mais simples! Mas quem o faz ignora que essas facilidades são como nós górdios, e que a conjugação de forças opostas tende a exaurir o espírito e transformar ideais em oportunismo ou provar que eles nunca foram nada mais do que isso!

Muitos, é verdade, os respeitam por isso; mas temem tornar sua luta solitária o ideal de uma legião. A sombra e as sobras do poder ainda fascina mais.

Os que pensam que são tolos ou insensatos têm, isso sim, medo do sucesso de sua luta, pois sabem que seus “atributos” não teriam serventia nesse mundo utópico. De fato, o pior momento da escravidão para quem aceita ser escravo, por conveniência ou inércia, é o da libertação, pois quem vive assim tem medo de enfrentar os desafios da liberdade. Então, preferem

continuar escravos ou feitores, por medo do novo ou de descobrirem seu real valor.

Os moinhos de vento ainda existem, e os ventos são cada vez mais fortes. Os cavaleiros ainda lutam, não mais contra os moinhos, mas contra as tempestades de um mundo cada vez mais desumano e limítrofe. Hoje, além de motivo de escárnio ou condenados ao ostracismo – pois negar o sucesso material “fácil” é um pecado mortal, num mundo sem virtudes – também estão próximos da extinção! Mas, se deixarem de existir, num átimo o vento será tão forte que erodirá todos os sonhos, Sanchos Panças, Rocinantes e Dulcineas. Só haverá senhores de ventos e servos, ao sabor deles ou eternamente macerados sob as mós de seus deveres e dívidas.

Todos nós, por mais materialistas que pareçamos, temos ao menos uma recordação boa e um sonho puro em nossas mentes. A vida pode soprar seus ventos na tentativa de ocultá-los sob a poeira do esquecimento, ou apagá-los, na erosão do desencanto; mas temos nossa “armadura”, nosso “escudo”, nossa “lança” e nossa “espada” para lutarmos contra as forças que nos negam a liberdade do espírito e a chance de aflorar bons sentimentos, sem que nos sintamos tolos ou fracos por isso.

Sempre haverá, também, os que preferem usar essas “armas” para destruir qualquer vestígio de virtude em si e nos outros, preferindo viver dos sonhos e desejos de poder de seus senhores. Mas, se cada um acreditar numa vida melhor, não haverá tempestade que apague essa chama! E com tantas chamas acesas, não haverá espaço para escuridão e quem vive dela ou nela.

E quem se atreverá a escarnecer da bela figura de uma legião de Quixotes, sonhando e fazendo um mundo melhor, por seus méritos e partilhas; semeando esperança e espantando corvos, ervas daninhas e parasitas, que tolgem a evolução da “seara” humana?

Se os sonhos são produtos de mentes férteis, nossa vitória definitiva será aprender a domar os ventos adversos, para que passem a servir à disseminação de seu pólen e semente!

Eh, Rocinante!

AMOR EM PAZ

(Jul./2007)

Já tive amores que sequer houveram, ou que desfizeram em amargo pranto. Conheço essa tristeza, portanto.

Também sei que ela nunca vem sozinha: sempre traz uma dorzinha, que nos maltrata com zelo, minha nossa! Que acaba numa abissal fossa, mas começa pelo cotovelo.

Mas muito pior do que a dor de um amor desfeito é o vazio da falta de amor! Assim, tenham certeza, é melhor remar contra a correnteza do que viver na apatia de um mar em calmaria.

Eu vivi muito tempo entre essa dor e vazio, sem saber que o amor não é uma imposição, nem algo que a gente às vezes sente, depois esquece. O amor não vem por encomenda, dinheiro, mandinga ou prece. O amor, simplesmente, acontece!

E quando acontece tem que ser alimentado com toda emoção, com cada vital pulsar do coração!

A gente deve agarrá-lo, desfrutá-lo, transformá-lo até aprender que o amor nunca termina, e mesmo quando assim parece, quando menos se espera, de novo germina.

Por isso entristeço demais ao saber de amantes que não se amam mais; de filhos que sofrem com desamor de seus pais; do que antes era perfeito e hoje explode em falhas; da paz que se esvai em dolorosas, por vezes dolosas, batalhas.

Querem a paz? Então, preparem e pratiquem o amor! Pois sua falta é sinistra, é pano de fundo de todos os males que afligem o mundo!

E para não cair na armadilha do costume, sempre é bom um pouco de ciúme. Mas sem exagero, para não entornar o caldo nem estragar o tempero.

Guerra? Só a de corpos ardentes, sem o mínimo pudor, trocando carícias, fazendo amor. Amor que alucina, envolve; que tudo tira, mas, muito mais, devolve. Porque o amor é uma estrada de duas mãos que, em verdade, são quatro: ora contidas, ora atrevidas. Porque em todo ensejo ele sente desejo, e sabe que mesmo em meio ao maior cansaço sempre há espaço

para um beijo e um abraço. Porque o amor também precisa de gentileza, de assentos puxados ou cedidos; de mãos que se toquem sobre mesa; de trocas, juras e pedidos; de chegar sempre quinze minutos, antes, para o encontro a dois, mesmo sabendo que a amada só ficará pronta meia hora depois.

O amor de verdade é assim: nunca se dispersa! Vive de paixão e, também, de conversa, pois para sua grandeza exige franqueza; despreza intrigas, só tem curtas, curtíssimas, brigas; não faz drama ou cenas, se basta, apenas. Assim, sacia suas fomes e sedes entre quatro paredes.

Então, nunca, jamais, enganem o amor! Porque a mentira é mortal para o amor, e quando ele morre a gente morre um pouco com ele.

O amor não deve temer, da inveja, os mísseis; tampouco deve temer tempos difíceis, que vêm e vão. Então, o importante é amar! O resto é vão!

Vão amar, portanto! E amar cada vez mais, “porque o amor é a coisa mais triste, quando se desfaz”, já diziam Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

A VIDA IMITA A ARTE

(Jul./2007)

Jules Verne, H. G. Wells e Mary Shelley são ícones da ficção científica. No Século XIX eles já falavam de experiências genéticas, viagens interplanetárias... Maravilhavam uns e tiravam o sono de outros.

A Sétima Arte trouxe uma nova dimensão a esse gênero, explorando temas como: efeitos de radiação nuclear ou de contaminações biológicas, inteligência artificial... Na década de 1950, marcianos já nos expulsavam de seu planeta, dizendo que não queriam que fizéssemos, lá, o que fazíamos aqui! “Quinteto” (*Quintet*, EUA, 1979) projetava uma nova era glacial, provocada pelo ser humano. “No Mundo de 2020” (*Green Soylent*, EUA, 1973) a sociedade desguarnecia idosos, como forma de controle demográfico e de despesas. A eles era oferecido um suicídio “light”, onde, em meio a videocliques, recebiam uma injeção letal. Depois, sem o conhecimento público, seus corpos eram transformados numa pasta verde que servia de alimento para uma superpopulação faminta. “A Última Esperança da Terra” (*The Omega Man*, EUA, 1971) abordava mutações genéticas provocadas por contaminação biológica. “O Planeta dos Macacos” (*The Planet of the Apes*, EUA, 1968) fazia seres humanos atuais se confrontarem, no futuro, com o resultado de guerras e devastações inconseqüentes.

O passar do tempo mostrou que esses filmes eram premonitórios!

Porque não “mexeram” com a opinião pública de então?

Ao que consta, eles não passaram de mero entretenimento, obras de arte no sentido platônico: desvios inócuos e alienantes da realidade. Tiraram o sono de alguns, nada mais que isso.

Pois é... Hoje não são mais livros e filmes sobre o futuro que nos deixam insones: a realidade já supera o imaginário!

A arte tentou sensibilizar contra a guerra, contra a fome, contra a tirania, em prol da salvação da natureza. Ainda tenta! Mas, desvinculada dos interesses das classes dominantes a arte raramente teve o poder de mobilizar a sociedade, para o bem ou para o mal. Que o digam Hitler, Stálin, Mussolini, Roosevelt, Truman...

Muitos dos que contrariaram os interesses dos poderosos sofreram as conseqüências dessa militância: silenciados, mortos, enlouquecidos. Em contrapartida, outros hoje lucram vendendo sua arte aos que antes criticavam, distraindo em vez de revelar. Produzem obras para alienar, emburrecer, embrutecer...

Com isso, a humanidade está perdendo a capacidade de imaginar o futuro. O presente materialista, imediatista, alucinado e sensorial está tolhendo a sensibilidade e o discernimento das pessoas, como os livros e filmes de ficção científica do passado anteviram. O futuro deles é o nosso presente!

Nesse sentido, pelo que recorro das várias obras que me tiraram o sono, precisamos urgentemente que a vida pare de imitar a arte, e passe a aprender como ela, em nome de um futuro para nossos filhos e seus descendentes!

--- 000 ---